

LAHSA 40 anos

história
em polifonia



LAHSA

40 anos

história
em polifonia

Título

LAHSA 40 anos História em polifonia

Coordenação

Lídia Máximo-Esteves

Design

Providência Design

Fotografia de capa

Eduarda Coquet

Impressão

Copissaurio Repro-Centro de Impressão

Abril, 2017

3	Introdução Dr. Manuel Campos presidente da LAHSA
11	Nota explicativa
15	Dr. Luís Roseira
47	Nita primeira voluntária da Liga
59	Maria Emília Pessoa
81	Dra. Irene Oliveira vice-presidente da LAHSA
99	Dr. António Nogueira Rocha Melo (1923-2007)
123	Maria Isabel Santos Silva (Beluca)
135	História de vida Dr. Paulo Mendo O homem, o médico, o político
153	Dr. Benvindo Justiça 4º presidente da LAHSA O eterno voluntário

Introdução

Dr. Manuel Campos

presidente da
LAHSA



Introdução

A primeira vez que entrei no Hospital de Santo António tinha 9 anos de idade... Como doente em 1954. Um tempo remoto que se perde nas nossas memórias. Fiz durante meses exercícios de visão “a meter o leão na gaiola”... a ver imagens duplas e sobrepô-las cuidadosamente. Finalmente ao fim de algum tempo fui operado por um oftalmologista “notável” dessa época o Dr Manuel de Lemos.

5

Teriam de decorrer quase vinte anos quando volto a entrar neste Hospital como médico em 1973. Em janeiro de 1974 inicio o meu trabalho nas enfermarias de Medicina sob a direção do Dr. Carlos Soares de Sousa e do Dr. Antunes de Azevedo. Era uma época preliminar ao 25 de Abril. Em Janeiro de 1974 o General Spínola publicava um livro que foi um marco e uma pedrada no charco do ambiente político dessa época “Portugal e o Futuro”. Três meses após, dá-se o 25 de Abril. Nessa época o Hospital de Santo António possuía um elevado nível de assistência com um corpo Clínico “notável” - Silva Araújo, Luís Roseira, Inácio Salcedo, Eva Xavier, Paulo Mendo, Castro Lopes, Benvindo Justiça, Rocha Melo, Armando Pinheiro, Corte Real, Rui Branco, apenas para citar alguns dos muitos extraordinários clínicos da altura. A contrastar, os doentes que procuravam o Hospital eram de classes sociais muito frágeis... pobres com grandes dificuldades económicas. Muita carência reinava nessas classes sociais! A assistência na doença era muito rudimentar. A misericórdia do Porto e outras instituições solidárias tentavam minimizar as carências. Era uma medicina diferente, com um envolvimento profundo dos médicos com uma visão de humanismo e entrega. “Ouviam-se” os doentes, o tempo e a relação médico-doente era diferente. Algumas instituições religiosas auxiliavam, ajudavam, minoravam as imensas dificuldades que os doentes apresentavam. A assistência médica competia às famílias, instituições privadas e aos serviços médico-sociais da Previdência. Ao Estado competia a assistência aos pobres.

6 Ainda por essa altura o humanismo organizado como missão no Hospital não era uma realidade. Ainda não havia uma ideia de Voluntariado estabelecido e reconhecido. Ainda não víamos os aventais vermelhos... nas batas brancas...

O período pós 25 de Abril foi fértil em ideias vanguardistas no sentido de organização e implementação de um sistema de saúde “gratuito” e universal.

Pela segunda vez em 1976 procuro como “doente” o Hospital e assisto ao incêndio da ala Norte do Hospital. No dia 29 de Dezembro de 1976, no princípio da madrugada, um violento incêndio inicia-se numa enfermaria do 2º Piso do Hospital da ala norte, ameaçando propagar-se a outras áreas. Os doentes em pânico foram evacuados para a ala sul. Cerca de 30 doentes foram retirados. O fogo alastrou-se rapidamente por toda a enfermaria. Um dos doentes internados foi assistido no SU, com queimaduras graves. Algumas horas após, o incêndio foi considerado extinto. Noite de perturbação, retirada de camas e doentes, bombeiros, gritos e feridos. Perderam-se 3 doentes que não conseguiram “libertar-se” das suas camas. Por essa altura as carências económicas do Hospital para fazer face às despesas e as dificuldades que se notavam na “população” inspirou algumas figuras responsáveis nomeadamente o Dr. Luís Roseira a criar um corpo de voluntários e uma estrutura que pudesse angariar fundos de mecenas e da sociedade civil da cidade. Nasce em 1977 a Liga dos Amigos do Hospital de Santo António. No início de forma rudimentar, algumas voluntárias com o traje branco e vermelho iniciavam a sua missão... Víamos algumas Senhoras pelas enfermarias ainda titubeantes, receosas, mas já amáveis e carinhosas.

Em 1979, com a publicação da Lei n.º 56/79, de 15 de setembro, a criação do Serviço Nacional de Saúde (SNS) veio marcar o “nascimento” do sistema nacional de saúde português, assegurando o acesso universal, compreensivo e gratuito a cuidados de saúde. Desde este ano que o sistema de cuidados de saúde português tem sido então baseado na estrutura de um Serviço Nacional de Saúde (SNS), universal, de acesso quase livre no ponto de utilização de serviços.

O Hospital cresceu, modernizou-se, adaptou-se muito rapidamente às condições do SNS, ampliou-se e estabeleceu-se como um marco fundamental na assistência hospitalar. Um hospital popular e da cidade. O Povo dizia “Se Deus nos der doença o Hospital de Santo António que nos aceite”. À medida que os avanços tecnológicos se estabelecem com um grande grau de eficácia no diagnóstico e tratamento das doenças dos utentes que procuram o hospital, a complexidade nas relações intra-hospitalares surgem. O doente é um ser frágil, por vezes idoso, desinserido da família, da sua casa, muitas vezes da sua “aldeia”, alguns com grandes dificuldades económicas. Assim a necessidade de um forte componente humanitário cresceu. Habitamo-nos a ver pelos corredores, enfermarias e consultas externas, esses aventais vermelhos em batas brancas “quem são estas Senhoras? de que serviço fazem parte?” perguntavam os doentes e mesmo os trabalhadores do próprio hospital. Ainda poucas em 1977, já cerca de 30 em 1981. E o Voluntariado e a Liga vão-se consolidando. O “meu tempo” foi de observação e testemunho desde a ausência de uma estrutura de apoio humanitário ao nascimento e crescente envolvimento da Liga na sua missão solidária no nosso hospital.

8

Durante estes quarenta anos de vida a Liga foi-se consolidando, crescendo. Graças a um trabalho dedicado de muitos, inspirados pela raiz humanista e solidária de Luís Roseira. Outros mantiveram a chama e alimentaram-na, Rocha Melo, Paulo Mendo, Benvindo Justiça ...os primeiros Presidentes da Liga.

O Hospital de hoje é bem diferente do Hospital do passado que testemunhei como utente e médico, mas nessa evolução natural a Liga e o Voluntariado são já uma marca profunda que se confundem com as paredes e chão granítico deste hospital da nossa cidade do Porto. Para sempre os voluntários da LAHSA e o seu papel de humanismo e entrega estarão na memória dos doentes e suas famílias que procuraram nestes 40 anos o Hospital de Santo António. ...O futuro será de novos desafios. A ampliação das atividades da Liga anunciam-se com novas necessidades e novos conceitos, tendo como missão servir melhor os doentes num sentido solidário de serviço público.

Como presidente actual orgulho-me de pertencer a este projeto humanitário, respeitando a sua história... acreditando no seu futuro.

Manuel Campos

Médico hematologista, Presidente da Liga dos Amigos do hospital de Santo António





Nota explicativa

40 Anos de trabalho voluntário! É obra... E o resultado está à vista. A LHASA é uma organização sem qualquer tipo de financiamento externo e há 40 anos que se mantém de boa saúde e com obra consolidada.

11

A afirmação é indiscutível. Está tudo aí, à vista de quem quiser ver. É só consultar os registos, amorosa e primorosamente organizados e arquivados. Atingida a maturidade, é tempo de contar a história do que foi feito. Pode ser contada através de estatísticas, da comparação dos balanços sobre dádivas, aquisições, quantos voluntários há, quantos entraram, quantos saíram, horários, registo de faltas e de presenças... Tudo isto é importante. Sem isto, não há organização que resista... Podemos, portanto, congratular-nos, porque a obra está à vista! O resultado foi sempre positivo. E a organização não tem mácula!

Todavia, atingida a idade madura, é altura para se fazer um balanço acrescido, para nos questionarmos, tal como as crianças tão bem sabem fazer, ávidas de conhecimento compreensivo acerca do mundo que as rodeia – Porquê? Mas porque é que isto é assim? Quando uma organização, na era do capitalismo, não funciona motivada pelo lucro, o que a faz mover?

A proposta para este trabalho foi tentar perceber isso mesmo. A metodologia utilizada foi a criação de narrativas individuais baseadas na entrevista aberta. Pediu-se a cada narrador para contar a razão da sua presença na Liga, começando por onde quisesse.

Jerome Bruner, um psicólogo da cultura, ensinou-me que os episódios narrativos em que se sustenta a história de vida têm uma sequência e uma

justificação que o próprio narrador lhe atribui. Este, conta a sua vida em termos de sequência começando pelo “seu” próprio princípio e organiza-a temporalmente em torno dos “incidentes críticos”, isto é, das ocorrências a que atribui significado suficiente para justificar a sua própria história. Foi este processo narrativo tão aberto, baseado nas memórias que emergem sem indução prévia, aquele que foi seguido.

Para entender o que esta Liga é, e porque dura há tanto tempo, procurámos, simultaneamente, prestar uma justa homenagem aos seus históricos fundadores. Quer aos que já desapareceram da Vida, (nestes casos baseámo-nos em relatos escritos e orais de Outros) quer aos que, felizmente, ainda continuam a labutar, embora num contexto social, político e económico bem diferente do inicial.

Estes últimos foram entrevistados presencialmente e o ponto de partida foi, em síntese, “Porque é que está aqui? Comece por onde quiser”.

Todos eles me ajudaram a compreender porque é que eu própria estou aqui, de pedra e cal, quase há vinte anos, a visitar as enfermarias e a servir os pequenos-almoços. Desejo que os mais novos entendam também os seus próprios porquês e que deste modo se identifiquem com uma Causa em prol do compromisso ético, da abnegação e da solidariedade, valores altruístas que sempre nortearam as ações dos Fundadores da Liga.

Todas estas generosas pessoas acederam sem hesitar. As histórias são, evidentemente, diferentes em alguns pontos, mas há coincidências em muitos outros. Percebemos como os “incidentes críticos”, isto é, os acontecimentos considerados mais relevantes, pelas suas consequências,

como por exemplo, o caso do incêndio no Hospital, provocaram mudanças profundas, transformando-se em “pontos de viragem”, com reflexos na própria organização institucional.

Mas não são apenas os incidentes críticos que ressaltam das narrativas. São também um conjunto de emoções positivas, incluídas no prazer da “dádiva” (dar e receber) que envolvem esses incidentes.

Como todos sabemos, não há futuro sem passado. No futuro reside a esperança, mas é no passado que estão os alicerces fundacionais. Por isso, é deles que se fala aqui. Para que o presente se transforme em esperança é preciso entender como se construiu o chão em que hoje nos movimentamos.

No entanto, as instituições não são sustentadas apenas por notáveis, mas por todos os colaboradores de boa vontade. Todos são importantes e indispensáveis. Com base nesta premissa, o critério da apresentação sequencial dos Fundadores foi o critério temporal e não o das funções que desempenharam ou desempenham.

Lídia Máximo-Esteves

Dr. Luís
Roseira



Memórias de Paula Roseira

Criação da LAHGSA: contexto e objetivos

Movimento Pró-Liga nasceu em 1976 pela mão do Dr. Luís Roseira, seu criador e obreiro. O objetivo fundamental era a abertura do Hospital à cidade. Nessa altura era médico-anestesiologista no Hospital de Santo António.

17

A legalização da Liga dos Amigos do Hospital de Santo António efetuou-se pouco tempo depois, em 1977, logo após o dramático incêndio que devastou toda a ala Norte do Hospital. De imediato se constituiu uma Comissão Instaladora que rapidamente mobilizou centenas de associados, jornalistas e associações da cidade, na procura de soluções para os complexos problemas então surgidos. Em Assembleia Geral foi eleita uma Direção, legislaram-se e aprovaram-se os seus Estatutos.

Pouco depois, em Março de 1978 foi eleita nova Direção e, a partir daí, a Liga entrou numa fase de crescimento, sistematização e cumprimento dos objetivos definidos.

Um indicador claro do empenho e da intensidade do trabalho realizado é o montante da verba conseguida através da mobilização da cidade. Em Fevereiro de 1978, existia um saldo de 21 283\$00. Em Dezembro do mesmo ano aumentou para 171 279\$70, como consta no nº1 da Revista Comunidade e Saúde.

A Liga nasceu curiosamente com 100 sócios, neles incluídos o Dr. Paulo Mendo e o Dr. Luís Roseira. À época, não havia ainda um Voluntariado institucionalizado, que foi criado, um pouco mais tarde, em 1981. Foi o período dos primeiros passos, em resposta urgente a uma situação de crise. A posterior criação do Voluntariado emergiu naturalmente da complexidade crescente do funcionamento da Liga.

Uma Liga de Amigos é, por definição, uma associação livre, formada por cidadãos interessados em contribuir para melhorar a qualidade dos serviços prestados, neste

caso, no Hospital. O objetivo fundamental desta Liga era a abertura do Hospital à cidade, para dar a conhecer as suas instalações, as valências hospitalares existentes, as suas necessidades, enfim, para que os cidadãos se empenhassem positivamente na resolução dos vários problemas. Nasceu num contexto político-social de mudança, em que a cidadania era vista como um direito individual e uma obrigação coletiva.

A tradição havia construído uma barreira enorme entre o Hospital e as famílias. O meu marido dizia, por vezes, que os doentes internados estavam numa espécie de “prisão”.

Por isso é que um dos seus objetivos fundamentais era abrir o Hospital ao exterior, facilitando deste modo, a criação de um compromisso de cidadania coletiva.

Eu entrei para a Liga em 1978, tinha terminado o Ano Propedêutico e aguardava o início do ano letivo para entrar na Faculdade. Tinha, por isso, tempo livre e ofereci-me para ajudar a organizar as atividades que, à época, a Liga já promovia. Eram várias, destacando-se o “Natal dos Hospitais” e o “Dia do Hospital”, cuja comemoração era um bom pretexto para uma ligação festiva entre a instituição hospitalar, os doentes e os cidadãos em geral.

Este Hospital servia o Centro Histórico, mas não só! Havia um grande número de doentes que vinham do Norte interior, sobretudo de Trás-os-Montes. Sendo o meu marido natural e descendente de uma família de vinhateiros de Covas do Douro, conhecia bem as condições de pobreza em que essas pessoas viviam e, por isso, tinha uma enorme empatia por aquela gente, e uma vontade inelutável de proporcionar a todos os doentes as melhores condições de saúde e de vida.

Naquele tempo, os doentes chegavam ao Hospital, tiravam a roupa, vestiam o pijama quando o tinham, ou a bata hospitalar quando o não tinham, despersonalizavam-se, cortavam a ligação com a família, com os vizinhos, com todo o resto da vida. Entravam em sofrimento físico, ampliado ainda pelo peso da solidão. Durante o internamento, o tempo de visita era curto, entre as quatro e as cinco horas da tarde. Era pouco tempo, mesmo para quem tinha a família perto. Quando a residência dos familiares era longínqua, evidentemente, não havia visitas, nem contacto com a família, por isso a saudade roía a alma.

Nessa época, não havia ainda sensibilidade política, nem económica, para a resolução deste tipo de problemas. Havia outros muito graves e de carácter mais urgente. Só para dar um exemplo de algo que hoje seria impensável, contava o meu marido que nessa altura, o bloco operatório não tinha ar condicionado. Quando o calor apertava, abafava-se lá dentro, era imperioso abrir a janela!

Após o terrível incêndio que avassalou a ala Norte do Hospital, a sua recuperação ficou em "compasso de espera" sei lá quantos anos! Não havia dinheiro porque, com a mudança de regime político, o Hospital de Santo António não pertencia a ninguém. Havia sido propriedade da Misericórdia, mas depois da revolução de Abril ficou órfã, à espera de definição político-legal. Era preciso encontrar uma solução urgente, ainda que provavelmente transitória. Assim, o Hospital pertenceria à cidade. Os seus cidadãos seriam um pilar fundamental, um suporte de desenvolvimento e organização. Foi esta a filosofia que orientou o pensamento e as ações do meu marido. Esta mudança de lógica organizacional revelou-se eficaz, mas deu-lhe muito, muito trabalho. A ele e aos que o seguiram, porque o seu entusiasmo contaminou positivamente muitos, muitos cidadãos.

Humanização do Hospital

20

Uma nova era se avizinhava, de acordo com um desejo político que se afastava de uma ditadura de décadas e se ia aproximando, passo a passo, dos ideais democráticos, da definição e exercício de direitos e deveres de cidadania, da participação solidária. Mas adivinhava-se também a necessidade de um enorme esforço e forte determinação para mudar conceitos, mentalidades, ações. Surgiu a ideia da criação de uma Liga de Amigos como uma nova estratégia de ação democrática e participação cidadã, em nome da Humanização dos Hospitais. O objetivo nunca foi, nem é, interferir no trabalho hospitalar, mas criar condições mais humanas, em colaboração estreita com a Administração.

Corino de Andrade

É importante referir, antes de mais, o nome do Professor Corino de Andrade, um grande médico e investigador que estudou fora de Portugal durante muitos anos. Foi um Homem com uma enorme dedicação não apenas à medicina, mas também à investigação científica fora e dentro do país, tudo em nome dos doentes.

Investigou, trocou experiências, operou, seguiu muitos casos raros, incentivou os seus médicos internos a atingir níveis de excelência, construiu um serviço de renome nacional e internacional na área da Neurociência. Apesar da sua aura, era uma pessoa de trato acessível e o seu relacionamento com os doentes e respetivas famílias foi sempre exemplar. Tinha um espírito aberto a tudo quanto fosse a melhoria hospitalar a favor do doente.

Era também um homem muito próximo dos Outros, dava-se muito bem com o doente, com as famílias, e todas estas circunstâncias influenciaram os médicos que depois se dedicaram à Liga. Não será mero acaso o facto de a maior parte dos que, mais tarde ou mais cedo se envolveram na Liga, terem passado pelo seu Serviço.

A Liga e o bem-estar dos doentes - ações internas

Suporte monetário aos doentes necessitados

Havia muitos doentes que vinham de longe e tinham uma consulta marcada, por exemplo, para as 11 horas. Vinham de camioneta, a qual chegava, frequentemente, pelas cinco ou seis horas da manhã, ficando depois ali à espera da consulta. Imaginemos um imprevisto - a consulta ficar adiada para o dia seguinte. Quando tal acontecia, antes da criação da Liga, era um enorme drama para um grande número de pessoas que vinha do setor agrícola e tinha poucos proventos. Após a sua criação, a Liga começou a pagar pernoitas e uma refeição quente aos doentes com baixo poder económico, numa pensão situada próximo do Hospital. Além disso, quando tal se justificava, encontrava-se igualmente solução para outros problemas, tais como, por exemplo, medicamentos e transportes. Isto é um exemplo que demonstra que, nessa época, a Liga já praticava o que hoje se chama "Serviço de emergência social".

Biblioteca - Enfermarias

A Liga criou também uma excelente biblioteca para os doentes internados que, nessa altura, tinham uma estadia hospitalar média de três semanas.

Conseguiu-se que a Dr.^a Fernanda Brito, responsável pela Biblioteca Pública da cidade, criasse um Pólo na Liga do Santo António. Ofereceu alguns livros e enviou para lá duas estagiárias em *part-time* para ajudar na catalogação dos mesmos. Mas nós angariámos ainda muitos mais, através de contributos da cidade. Em 1981, a manutenção da Biblioteca custou-nos cerca de 25 mil escudos mensais.

Foi esta a 1ª Biblioteca de doentes, cuja catalogação e organização duraram cerca de um ano e meio, tantos foram os livros conseguidos. Havia literatura infantil e literatura para adultos. O objetivo era que o livro fosse uma forma de aproximação ao doente e uma forma de entretenimento nas estadias mais prolongadas.

Compraram-se uns carrinhos grandes, móveis, onde se colocavam alguns dos muitos livros que tínhamos e, no início, eram essas jovens bibliotecárias que os transportavam pelas enfermarias. A visita efetuava-se de segunda a sexta-feira. Anotavam as requisições dos novos pedidos, recebiam os que já tinham sido lidos e conversavam bastante com os doentes sobre as suas leituras. Os livros eram um bom pretexto para estas conversas.

Mais tarde, passou a ser a irmã Isabel a assumir essa tarefa de distribuição e, mais tarde ainda, o tempo de internamento foi diminuindo e esta atividade deixou de ser tão necessária. O livro foi substituído pelo jornal diário e por revistas.

Sessão de cinema no Salão Nobre

Procurámos minorar de formas diversas, o efeito negativo da solidão nos doentes que precisavam de estadia prolongada. Por exemplo, passávamos um filme por semana no Salão Nobre, para todos os doentes que

quisessem assistir. Havia uma sessão semanal às quartas-feiras. Todas as mudanças efetuadas foram sendo introduzidas de modo gradual e com uma preparação prévia cuidadosa. Assim, neste caso, primeiro pedimos autorização à Direção Hospitalar e entrámos depois em contacto com o Cine Clube, que se comprometeu a passar um filme por semana, no Salão Nobre. Finalmente, divulgávamos a informação por todas as enfermarias.

Trabalhámos bastante para esta ação. Apesar de tudo, no início, ainda houve alguns aborrecimentos de percurso. Por exemplo, mais do que uma vez, os porteiros barraram a entrada dos técnicos que traziam o material necessário, por ser gente estranha que entrava por ali dentro, de máquina em punho, sem pertencer ao Hospital... A sessão tinha de ser no Salão Nobre, o que requeria uma autorização especial, mas ninguém lhes tinha dito nada!... Cumpriam ordens, afirmavam.

No início havia muita burocracia, tudo o que se fazia era inovador, fora da rotina, por isso tivemos que tornear a situação por nossa conta e risco. Comprámos uma máquina de projeção com a ajuda do Cineclube, e alugávamos os filmes algures, na Rua da Picaria. Passámos muitos filmes do Charlot, filmes populares, ao gosto dos doentes. Fazíamos cartazes-anúncio, colávamo-los nas enfermarias e as sessões eram às quartas-feiras no Salão Nobre, depois do horário das visitas. Esta atividade foi tão sucedida que, pouco depois, replicámo-la no Rodrigues Smide.

Concurso mensal nas enfermarias e consulta externa

Era um passatempo muito animado. Distribuía-se cupões a cada doente das enfermarias ou da consulta externa. Cada um tinha que responder por

estimativa pessoal a uma pergunta, como por exemplo: “Quantos doentes estão internados no Hospital de Santo António no dia 1 de Julho de 1981?” Se ninguém acertasse, ganhava o que respondesse com o número mais aproximado da realidade. O prémio era um rádio. No 1º concurso o prémio foi entregue pelo próprio Dr. Roseira, o Presidente da Liga, no dia da tomada de posse dos novos corpos gerentes da Liga. Já se imaginou o tempo que isto demorava? Mas valia a pena, pelo entusiasmo gerado nos doentes, que deste modo passavam melhor o tempo de internamento e ajudavam, conscientemente, a construir o seu Hospital.

Equipamento: um televisor por enfermaria

Imaginemos: estadia prolongada, sem saber ler (na época era comum), impossibilitados de sair do quarto, 24 horas por dia sem família, nem notícias dela... Sentir a infelicidade em grau máximo. Chorar. Morrer de saudade! Que fazer?! Para humanizar as enfermarias, procurando que a estadia do doente fosse a melhor possível, conseguimos equipar todas as enfermarias com um televisor.

No 1º ou no 2º Natal fomos à Rádio Popular (passe a publicidade), fizemos um acordo e conseguimos que instalassem um televisor por enfermaria. Nesse ano, o dinheiro que se angariou no “Peditório” da Semana do Hospital teve este destino. Todas as enfermarias foram equipadas com uma televisão.

Em resumo, parte da biblioteca, as televisões, o cinema, as dormidas e respetivas refeições, tudo isto foi criado e pago pela Liga. O Hospital não tinha serviço social.

Apesar de haver algumas barreiras à coexistência institucional da Liga - uma vez que na área da Saúde em Portugal, os Hospitais eram sistemas

fechados e corporativistas, - pouco tempo depois de iniciarmos as nossas atividades, e devido aos efeitos positivos bem visíveis, vários serviços começaram a pedir algumas ajudas. Era o início de um quebrar de fronteiras institucionais, um sinal positivo de aceitação. Assim, aos poucos, a Liga foi sendo mais solicitada para contribuir a favor do bem-estar do doente. As solicitações de apoio aos doentes em situações de carência económica foram aumentando cada vez mais...

O Natal no Hospital

Eu entrei para a Liga em 1978, com o objetivo de ajudar a realizar os festejos comemorativos do "Natal nos Hospitais". Nessa altura, essa festividade era comemorada com pompa e circunstância. A Televisão fazia um programa de reportagem ao vivo das comemorações natalícias em diversos espaços públicos e foi ao Santo António várias vezes filmar os festejos que organizávamos. Lembro-me da Ágata, do grupo "As Doce", um grupo muito popular na época, ter vindo cantar num desses Natais. Foi um sucesso incrível! Vestíamos-nos de Pai Natal para ir oferecer prendas às crianças, na Pediatria, um serviço que foi sempre muito solidário. O Diretor de Pediatria era um homem muito bom e apoiávamo-nos muito. E, assim, a comemoração do Natal foi ganhando muita visibilidade. Não havia muito dinheiro, mas fazíamos uma grande festa e distribuíamos brinquedos e balões às crianças internadas. O meu marido estava sempre a trabalhar nesta sua Causa. Se lhe faltasse o apoio, fazia ele próprio. Sem alarido, metia mãos à obra. Uma vez, logo no início, estava sozinho no átrio do Hospital a decorar a árvore de Natal. Pedira apoio a algumas pessoas que, entretanto, por qualquer razão, não apareceram à hora combinada. Sem problema, fez a árvore de Natal sozinho! Quando lá cheguei, já estava

26

pronta. A ideia era a árvore estar sempre decorada no dia 8, a 1ª semana de Dezembro, para o Hospital estar já com ambiente festivo quando começassem as atividades do Natal nos Hospitais. Era um homem não só de ideias, mas também de ação!

Interligação institucional

Abertura do Hospital à cidade: fontes inspiradoras

27

Por altura do já aludido incêndio, gerou-se na cidade um movimento de solidariedade a favor do Hospital. Este fora, desde sempre, um ex-libris da cidade. Houve muitos apelos de ajuda e as respostas positivas não tardaram.

O meu marido sabia que era importante mobilizar toda a cidade. Se o Hospital, naquele momento histórico, não pertencia a nenhuma instituição, nem estatal, nem privada, passaria então, a ser de todos, isto é, da cidade. No fundo, era o conceito de descentralização posto em experiência. Foi nessa altura que lhe surgiu a ideia da criação de um órgão específico - a Liga. Inspirou-se em várias instituições existentes noutros países. Ainda cheguei a traduzir a pedido do meu marido, alguns artigos que muitos dos amigos, que tinha em todo o lado, lhe faziam chegar às mãos...

Interessou-se muito por conhecer, principalmente, o sistema inglês e também o americano. Não importou diretamente nenhum deles, porque o contexto histórico e social de cada um destes países era bem diferente do nosso, mas tudo serviu como inspiração para criar soluções numa realidade social e política diferente. Por exemplo, ainda cheguei a ir ao *Hospital Florence Nightingale*, em Inglaterra, onde funcionavam instituições assistenciais a que chamavam "Umbrellas". Cobriam diversas valências de cariz social, que não só hospitalar.

Florence Nightingale foi também uma visionária que esteve como voluntária na Guerra da Crimeia, juntamente com um grupo de outras voluntárias que ela própria formou, onde prestaram um serviço assistencial voluntário notável.

Ficou também na História pela criação e organização pioneira da 1ª escola de enfermagem no Reino Unido, cujos conceitos fundamentais se estruturaram em torno da tríade – competência, compaixão e dedicação – os valores que lhe nortearam a sua intervenção social. Foi uma figura de reconhecido prestígio que deixou marca profunda no sistema de saúde inglês.

Florence Nightingale recebeu o prêmio dignitário da insígnia da Cruz Vermelha Real, pela mão da Rainha Vitória e foi a 1ª mulher a receber a Ordem de Mérito.

Foi muito importante para o meu marido conhecer esta personagem verdadeiramente extraordinária, exemplo de altruísmo e abnegação. De tal modo que, em 1982, as comemorações da Semana do Hospital incluíram, no dia 12, Dia Mundial do Enfermeiro, uma homenagem a Florence Nightingale realizada no Salão Nobre.

O meu marido queria conhecer também o sistema assistencial e de saúde americano. Como tinha amigos em todo o lado, alguém lhe fizera chegar às mãos uma série de papelada e documentos sobre isso. Havia muita gente com quem ele conversava que lhe fazia chegar documentos de outras experiências e de outras realidades.

O sistema de saúde inglês era mais parecido com o nosso, embora ligado à Igreja, enquanto o sistema de Saúde nos Estados Unidos era muito diferente do nosso, visto não haver sequer Serviço Nacional de Saúde. Há realmente assistencialismo, mas ele não queria que a Liga fosse nesse sentido. Há diferença entre os conceitos de Assistência e de Solidariedade. Não queria

caridade, queria intervenção cívica, queria exercício de cidadania; era esse o sonho que ele aspirava transpor para um Hospital ao serviço dos cidadãos. Era necessário e urgente que a cidade começasse a reivindicar um sistema hospitalar adequado à contemporaneidade, assumindo o Hospital como seu. Sendo ele um homem de esquerda, era este o seu objetivo fundamental. O Hospital não seria do Estado, nem do Governo, mas da Cidade. Não seria dos enfermeiros, nem dos médicos, mas sim dos cidadãos, dos doentes, das famílias. Era preciso trazer as famílias de fora para dentro, numa intercomunicação com o mesmo fim – o bem-estar e a saúde do doente.

Foi com este pensamento fundamentador, que criou a Liga dos Amigos, um laço de união entre o Hospital e a cidade. Tinha sempre presente que o Hospital era de, e para, os cidadãos. Para concretizar este ideário criou dois eventos “O Natal do Hospital” de que já se falou e “O Dia do Hospital”. Algum tempo depois, este último passaria a ter maior dimensão e chamar-se-ia “A Semana do Hospital”.

Dia do Hospital

Este evento realizava-se em Maio. Nesse dia, as portas do Hospital abriam-se à cidade, melhor dizendo, àqueles que a representavam. Fazia-se uma visita guiada ao hospital sob a orientação de um médico ligado à Direção e que, geralmente, era o Dr. Luís de Carvalho. Acompanhava os visitantes, respondendo e explicando tudo o que esses visitantes – representantes dos Sindicatos, das Instituições da cidade, das empresas, do Governo, sócios da Liga - queriam saber.

As portas do Hospital abriam-se à cidade. Havia mesmo um ritual simbólico: os visitantes iam-se agrupando no átrio e à hora marcada, ao fim da tarde, o porteiro abria as portas e o médico indigitado vinha recebê-los e orientá-los na visita explicativa. Mostrava os efeitos do incêndio, e enunciava estrategicamente os pontos positivos e negativos das instalações e do funcionamento hospitalar. A visita durava cerca de 1 hora e, no dia seguinte, era sempre noticiada nos jornais.

Esta ação de abertura ao exterior era um ato simbólico, mas era também uma estratégia de ação. Por um lado, pretendia-se que os cidadãos se aproximassem afetivamente do Hospital, uma entidade que os convidava a entrar e lhes mostrava a “casa”, mas também para lhes dar a conhecer os problemas existentes naquela “casa” que também era sua, por compromisso cívico. Era, portanto, um exercício de cidadania democrática. Os problemas da cidade diziam respeito a todos. Um Hospital só o é porque existem doentes e todos os cidadãos são doentes em potência. Tratava-se, afinal, de chamar a atenção para os serviços que ali eram prestados aos doentes e para as carências do Hospital.

Até aí não existia o conceito dos direitos dos doentes, porque não vivíamos num regime democrático. Um dos primeiros impactos deste espírito de abertura foi o alargamento do tempo de visita ao doente, por ser considerado um benefício que não acarretava custos. Outros vieram a seguir.

Do ponto de vista informativo realizaram-se Colóquios e Mesas Redondas em várias instituições da cidade.

Para além destes, havia muitos outros eventos de natureza recreativa, destinados também à angariação de fundos e à mobilização da opinião pública. Por exemplo, fizeram-se espetáculos de animação em jardins públicos, festivais musicais no Palácio, concertos em locais vários. As pessoas gostavam e aderiam facilmente.

A Semana do Hospital

A Semana do Hospital substituiu o Dia do Hospital. Os objetivos eram os mesmos, o tempo inicial foi ampliado, para dar ainda mais visibilidade ao movimento.

Era um homem criativo, estava permanentemente a procurar soluções para os problemas, ainda que fosse necessário mudar estratégias. Não tinha medo aos desafios. Dizia muitas vezes que era mais fácil arranjar dinheiro do que soluções para os problemas mais estruturais. Mas depois de lhe surgirem as ideias, conseguia criar entusiasmo e as pessoas aderiam. Abordou muitas empresas que raramente negavam o apoio pedido, perante os argumentos em favor dos Outros. Angariou mundos e fundos em prol da humanização do Hospital e da criação de melhores condições para os seus doentes.

A Semana do Hospital era um novo desafio. Na verdade, era uma semana muito intensa. Inicialmente, pedia às empresas. Pouco depois, os empresários começaram a conhecer os objetivos da Liga e faziam doações.

Havia também muitos associados, mas gastava-se muito dinheiro. Quando foi preciso comprar os televisores foi uma loucura, mas havia muitas outras despesas. Por exemplo, para se colocarem as televisões na parte antiga do Hospital era necessário criar infraestruturas para que houvesse ligação a todas as televisões. Em pouco tempo conseguiu que uma empresa lhe fizesse as ligações e a montagem.

No espaço que até há pouco tempo fora ocupado pela Pediatria, próximo da Urgência, no rés-do-chão, conseguiu que alguns artistas do Porto lhe pintassem aquela obra de arte mural. Juntou um grupo de artistas amigos, o tempo que ele ali passou...

Há uma ambulância que é pertença da Liga dos Amigos porque um dia lembrou-se que queria ter uma ambulância para transportar os mais necessitados. Escreveu cartas para todo o lado... Entretanto, aconteceu uma tragédia, o filho de um grande industrial do Porto teve um acidente na estrada e demorou muito tempo a ser socorrido por indisponibilidade momentânea de ambulância. Teve um gesto de extrema generosidade solidária e ofereceu uma ambulância à Liga.

O peditório

O primeiro Peditório fez-se no Dia do Hospital, 13 de Junho, em 1978, na Feira do Livro. Nessa altura nem caixas tínhamos, pedimo-las emprestadas à Cruz Vermelha. Éramos meia dúzia de pessoas conhecidas, pessoas das relações do meu marido. O Peditório tinha dois objetivos. Um, era arranjar

dinheiro para as inúmeras despesas que tivemos na montagem de tudo o que já existia. O outro era dar a conhecer o Movimento à cidade.

Para dar visibilidade ao Movimento, para além da árvore de Natal que tradicionalmente decorava o Hospital de Santo António, montou-se e decorou-se uma árvore de Natal no átrio de três cinemas do Porto: Charlot, Trindade e Batalha. Havia voluntárias junto de cada árvore e esta ação foi um pretexto estratégico para divulgar a Liga e angariar fundos.

A curiosidade normal levou as pessoas que por ali circulavam, surpreendidas com o efeito cénico das árvores, que eram lindíssimas, a fazer perguntas e a conversar com as voluntárias, que as informavam sobre a Liga e os seus objetivos. Nestes espaços havia uma grande concentração de pessoas e quem estava a pedir para a Liga eram senhoras conhecidas do Porto.

No dia seguinte, a imprensa relatou o acontecimento, e desta forma não só se angariaram fundos, mas também se deu visibilidade à Liga e ao que ela fazia... Na revista Comunidade e Saúde (nº 8/1982) pode-se ler que essa ação trouxe à Liga 200 novos amigos.

Algum tempo depois, tudo se tornou mais sistemático e organizado. O Peditório durava três dias consecutivos e havia 20 mesas espalhadas pela cidade.

Conta a minha mãe, que era a voluntária da mesa 1, que antes das 8 horas da manhã já o Dr. Roseira lá estava, à espera que as voluntárias chegassem e arranjassem as mesas. Se houvesse atrasos começava logo a reclamar...

De vez em quando, lembrava-se de mudar a imagem do Peditório. Uma vez pediu à Rosa Mota para colaborar. Outra vez, alugou um autocarro *sightseeing*

onde se instalaram as voluntárias, devidamente fardadas e identificadas. Paravam em sítios estratégicos e quando as pessoas se juntavam para ver o que se passava, faziam aí o peditório. Depois continuavam e iam fazer o mesmo para outro lado da cidade.

Colaboradores comprometidos com a Causa

Associado ao impacto visual para dar a conhecer a obra, é importante referir a colaboração imensa que foi prestada amavelmente pelo Professor e artista plástico Amândio Silva, da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, infelizmente falecido em 2000. Ganhador de vários prémios, com obra pública espalhada por todo o país, colaborou intensa e graciosamente na construção da imagem visual da Liga, no arranjo gráfico dos folhetos de Natal, das fichas de inscrição para sócio que acompanhavam as cartas a enviar para as Instituições da cidade. Nelas se explicavam as finalidades da Liga e eram acompanhadas por um folheto de inscrição de sócio. Tudo isto era feito por um homem daquela craveira artística. Também ele aderiu e partilhou o sonho de abrir o Hospital aos cidadãos.

Criação do Voluntariado

A acção do Voluntariado começou com a distribuição dos livros pelas enfermarias, sendo o livro um pretexto de interação com os doentes.

35

Após quase quatro anos de intensíssimo e entusiástico trabalho efetuado por duas ou três pessoas, não sabíamos como dar continuidade a esta obra, por razões de incompatibilidades várias. Foi então que, em 1981, a Maria Helena Quinta, responsável pelo Voluntariado da Liga do IPO, foi convidada para uma reunião e lançou a ideia da criação de uma Liga no Hospital e Santo António semelhante à que já existia no IPO.

Esta ideia fê-lo pensar. Veio entusiasmado com a ideia dos pequenos-almoços. Realmente era o abrir de uma nova porta. O Voluntariado seria uma organização humanitária, a trabalhar sistemática e diariamente a favor do doente, o que, de resto, acontecia já no IPO, apesar das características organizacionais serem diferentes. O IPO era uma instituição nova e não dependia do mesmo Ministério.

A ideia foi aproveitada e assim nasceu o Voluntariado da Liga.

A 1ª responsável pelo Voluntariado foi a Sr.ª D. Irene Gaspar, viúva de um médico, tendo, portanto, alguma ligação com o Hospital. Era uma senhora dona de casa, muito rigorosa e exigente, habituada a gerir muito bem uma casa e uma família grande, educada e com princípios morais. E aceitou. Foi o II capítulo de uma nova Liga. Abriram-se inscrições para a entrada de voluntários, o funcionamento seria diário, era necessário estabelecer articulação entre o Hospital e o Voluntariado, e outras tarefas de gestão interna.

Escolheu as fardas identificadoras dos voluntários, definiu regras de comportamento adequadas cujo cumprimento exigia, informou e esclareceu acerca dos diferentes papéis dos profissionais de saúde e dos voluntários, uma vez que, nesse aspeto, o meu marido era bastante liberal. Com ela, o Voluntariado deu um grande salto qualitativo. Sem a sua ação firme, tudo teria sido muito complicado porque se estavam a juntar pessoas com idades, formação, educação e motivos muito diferentes. Com tantos condicionalismos, era necessária perícia e muita inteligência emocional para ajustar as finalidades pessoais aos objetivos da Liga.

O início do exercício do Voluntariado no Hospital de Santo António foi muito complexo. Houve muitas lutas de interesses entre as voluntárias que iam chegando, e foi graças à ação sagaz e perseverante da D. Irene Gaspar e à sua capacidade de liderança e de gestão de conflitos que a Liga deste Hospital se consolidou e deu continuidade ao trabalho que já vinha sendo estruturado antes do Voluntariado se ter constituído.

Havia muitas reuniões, nas quais o meu marido estava sempre presente. Não deixava que as coisas rolassem por si próprias, apesar de ser muito permissivo e liberal. Mas no início do Voluntariado, quando a abertura foi maior, tinha alguns receios por desconhecer as motivações de quem ia entrando.

Mais tarde, a Maria Emília desempenhou também um papel extraordinário, controlando tudo de modo discreto, mas firme e sem autoritarismos excessivos. Foi sempre uma boa líder, acho que intuiu e assumiu o espírito de causa e de missão do meu marido, que não tinha muita paciência para esses pequenos conflitos interpessoais que começavam a surgir porque

quem entrava, por vezes, tinha objetivos mais oportunistas que humanitários. Era um lutador e a causa dele era o doente, perdia a paciência com tudo o que considerava insignificância ou mesquinhez. Não tinha paciência para as tricas de política interna. Entretanto, continuava a defender os direitos dos doentes. Mas queria trabalho concreto e focado nos temas essenciais.

Também foi ele que traduziu para português o 1º Documento sobre o Estatuto dos Doentes, elaborado pela ONU, que foi divulgado pela Liga. Fazia parte do nosso folheto de angariação de sócios. Eram vários Direitos que já estavam previstos pela Organização Mundial de Saúde e que, em 1948, definiam a Saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não unicamente como a ausência de doença ou de enfermidade”. O doente já era, portanto, considerado como uma “pessoa” em toda a amplitude do conceito, apesar de se encontrar em condição de doença. Era esta a sua preocupação permanente, que as “pessoas-doentes” não ficassem em isolamento, que o hospital não fosse apenas um local de ação técnica, mas de alívio e bem-estar pessoal e que os cidadãos esclarecidos intervissem estrategicamente nas decisões hospitalares nesta matéria.

Claro que o papel do Voluntariado hospitalar era, e continua a ser, colaborar na humanização do Hospital.

Elaborou-se um regulamento, um Estatuto, definiram-se serviços, horário, escolheram-se pessoas. A Liga institucionalizou-se. Havia um programa semanal na Rádio, cujo formato era a entrevista, onde o meu marido habitualmente intervinha e foi nesse programa que apelou para a vinda de voluntárias para o Hospital. E, a partir daí, começou então um novo ciclo dentro da Liga.

Para além dos serviços que já existiam foi criado o serviço de Pequenos-Almoços no Posto de Atendimento Permanente para os doentes oncológicos que iam à consulta externa. Aliás, o Dr. Graça Moura, na altura Diretor das Consultas Externas do Serviço de Oncologia influenciou-o nesse sentido. Inicialmente, o Hospital não reagiu bem, mas como era já uma prática muito sucedida do Voluntariado no IPO, acabaram por ceder.

Havia muita gente que tinha de estar em jejum até às 10 horas, por isso era importante terem acesso a uma bebida quente e umas bolachas. Algum tempo depois, o serviço de distribuição voluntária de Pequenos-Almoços foi alargado a outros serviços, inclusive às instalações do Rodrigues Smide.

Mais tarde, foi preciso dar cobertura à Consulta Externa, sendo necessária uma pessoa só para orientar os doentes para o local onde as consultas funcionavam. Havia uma voluntária que eu gostava particularmente de recordar aqui, a Virgínia Alvão, filha do fotógrafo Alvão. Entregou-se de alma e coração à Liga. Ela fazia tudo! De manhã estava nas consultas externas, depois ia para Cardiologia, depois... ia para onde fosse necessário. Todos os dias da semana. Esta atitude de dedicação total mereceu-lhe o reconhecimento de muita, muita gente.

Memórias avulsas

39

O sonho, o sentido de Causa, foi algo que estava inscrito na alma do meu marido. Achava que o cidadão devia intervir na organização social, de acordo com um ideal humanitário. Encontrei há uns tempos algumas cartas dele, na aldeia do Douro onde exerceu medicina há 50 anos, nas quais pedia às pessoas mais ricas das aldeias próximas, auxílio para vestir os pobres. Nesta ação subjaz o mesmo impulso que o impeliu à criação da Liga – comportamentos sociais a favor dos menos favorecidos pela sorte.

Há um padre em Paranhos com quem me cruzei este ano. Quando, em conversa, soube que eu era a sua viúva, disse-me: “Ai como eu gostava de o ter conhecido melhor! Quando eu era criança, havia uma doença provocada pela picadela de um mosquito, que levava à morte e eu fui picado nessa altura. Chamava-se Kala-Azar. Os meus pais ouviram falar desse médico, era uma lenda milagreira, e levaram-me lá. Hoje estou aqui. Tenho pena de já não poder agradecer-lhe pessoalmente!”

O Presidente da Assembleia da República nessa altura era nosso sócio e chegou a visitar a Liga. Até o Presidente Mário Soares, de quem era amigo, além de correligionário de Partido veio, acompanhado da esposa, a Dra Maria de Jesus Barroso a um evento no Palácio da Bolsa, que rendeu imenso dinheiro a favor da Liga.

A Liga foi também muito apoiada pela Cooperativa Árvore.

Pouco depois recebemos a visita do Presidente Dr. Jorge Sampaio e da esposa, a Dra Maria José Rita, muito sensível ao papel social do Voluntariado, como é sabido, ao ponto de criar um Gabinete de Voluntariado

40

para o exercício do mesmo. Nessa altura, a Liga teve a honra de ter sido condecorada por ela. Comemorava-se nessa altura o Ano Internacional do Voluntariado.

Eu estive mais presente na Liga até 1982, altura em que comecei a trabalhar em empresas e só em 1988, quando saí das empresas e fui para a Quinta do Infantado, é que eu regresssei à Liga.

Entretanto, o meu marido afastou-se, porque foi trabalhar na Presidência da República. Foi nessa altura que entrou para a Presidência da Liga o Dr. Rocha Melo.





Memórias de Luís Roseira: *Uma Vida Pelo Douro*

Escreveu algumas comunicações que apresentou em colóquios. Para a realização ser completa, faltava-lhe escrever um Livro. E escreveu-o, após se reformar da profissão de médico. *Uma Vida Pelo Douro*. Aqui ficam alguns excertos do seu pensamento e da sua alma, escritos por mão própria.

43

“NOTA PRÉVIA-RAZÃO DE SER” é a introdução explicativa das raízes que lhe nortearam a vida e o impeliram à narrativa escrita do livro. Começa por falar do pai e do sonho que sempre lhe orientou o árduo caminho da vida, mas que ficou incumprido pela morte – passar de lavrador a exportador. Por isso, assumiu para si próprio cumprir-lhe o sonho, ainda que com pulso de ferro. Fez o seu vinho com marca própria e tornou-se exportador direto.

A mãe “Toda a vida trabalhou, alegre e bem-disposta, como uma escrava da terra, do homem, dos filhos e dos “seus pobres”, mas depois, na viuvez, até aos 80 anos, não se cansou de lutar, como chefe de família. E venceu (...) Continuo fiel à sua memória. Continuará sempre presente na minha vida. Dela herdei esta vontade de trabalhar, de não desistir, de ser solidário com os pobres”. (...)

“No Douro me reencontrei médico da aldeia, a curar moléstias das suas gentes. Fiz de tudo. De bruxo, ao injetar “açúcar” num *coma* por falta dele à Senhora Júlia da Poça já morta pela família e vizinhos que, em grande alvoroço, clamaram por “milagre”, “milagre” quando, minutos após, abriu os olhos e falou. Milagreiro também pelos crentes de Bragança a Lisboa que me procuravam no Pinhão, onde tinha aberto consultório com empregada de bata branca, microscópio, balança para pesar meninos e grandes, raios x e máquinas de escrever receitas de pós de alfarroba aos antibióticos salvadores. E até pancada apanhei, quando um amante ciumento irrompeu, consultório dentro, chamando-me “filho da p...”

por ter feito o que era considerado, por essas bandas e nesses tempos, uma coisa nunca vista, um exame ginecológico.

Um livro, este livro, é feito de tudo e dos pequenos nadas da vida. Não se chega, eu não cheguei às crónicas de jornal sem esta aprendizagem feita de tanto sofrimento e angústias e também de alegrias sem conta nem medida.

Dia-a-dia entendi que as doenças do Douro tinham raízes no sofrimento da vida dos que nela mourejavam, e não era só com comprimidos e mezinhas que os podia ajudar a sobreviver. Os “milagres” da medicina não curavam as chagas sociais tão injustas e imerecidas. Tirei crianças, encanei braços partidos, tratei das febres, lutei como um danado e venci as enterites, acabando com “os enterros dos “anjinhos” nos “três meses de inferno”. Piquei barrigas de meninos de pestanas compridas e brancos como a cal, para saber se os mosquitos os tinham picado e sofriam de Kala-Azar.

Deitei-me ao trabalho de noite e de dia. No intervalo entre as consultas e as chamadas fui praticando outras artes. A da política, na luta contra o salazarismo até ao tempo do General Humberto Delgado.

(...) *“Uma vida pelo Douro* teve razão de ser num combate pelo progresso da região e pelo bem-estar das suas gentes, um combate já longo, mas ainda necessário, pelo fim dos “homens-servos”...

Covas do Douro, Outubro de 1992

Luís Roseira, *Uma vida pelo Douro*, Edições ASA, 1992



Nita

primeira voluntária
da Liga



Incêndio no Hospital e a necessidade da Liga

Aqui ninguém me conhece pelo nome próprio. Fui sempre, e continuarei a ser, a Nita.

49

Entrei como voluntária neste Hospital quando houve um enorme incêndio que destruiu uma parte substancial do edifício e, infelizmente, até matou alguns doentes.

O meu marido era, nessa altura, locutor da rádio e fazia um programa diário, das 9 às 10 horas da manhã, no qual entrevistava o médico responsável por cada uma das especialidades hospitalares que havia no Hospital de Santo António. O Dr. Roseira foi entrevistado como anestesista, logo a seguir ao incêndio. Nessa entrevista, falou bastante sobre a tragédia que tinha acontecido no Hospital, sobre as condições deploráveis em que este se encontrava depois do terrível acidente e sobre as dificuldades financeiras para reorganizar os serviços. Alertou para a necessidade urgentíssima de recolher fundos para a sua reconstrução e, também, para apoiar os doentes. Era preciso fazer muita coisa para minorar esses problemas todos. Fez então um apelo para as pessoas se inscreverem como voluntárias/os, para, deste modo, poderem ajudar a resolver, o mais rapidamente possível, alguns dos inúmeros problemas com que o Hospital se debatia, tendo em conta o mais importante de todos eles: melhorar as condições dos seus doentes.

Pouco tempo antes disto acontecer, tinha eu regressado de Angola, onde vivi com o marido e os filhos. Ficámos alojados em casa da minha mãe que, entretanto, vivia só. O incêndio no Hospital aconteceu pouco tempo depois do nosso regresso. Eu estava ali por casa, tinha muito tempo livre e os filhos eram já crescidos e bastante autónomos. Após o apelo do Dr Roseira, em minha casa

falou-se muito sobre o incêndio e, em conjunto, refletimos bastante sobre o meu possível envolvimento neste movimento solidário. Uma vez que o Dr. Roseira precisava de voluntários, para ajudar os doentes e o Hospital de Santo António, eu achei que poderia oferecer-me como voluntária. Fui incentivada por toda a família, o acordo foi unânime e, logo, logo, apresentei-me no Hospital, em resposta ao apelo do Dr. Roseira. Fui eu a 1ª voluntária.

Cedo, na manhã do dia seguinte, estava eu já no Hospital, disponível para o que fosse necessário. Encontrei-me com a Assistente Social e com a Paulinha que hoje, infelizmente, é a viúva do Dr. Roseira.

Entretanto, mais precisamente, no dia seguinte, entrou a irmã Isabel, que infelizmente, já faleceu. No dia seguinte, apresentou-se a Maria Alice Martins e, imediatamente a seguir, a Maria Emília. Veio depois um rapaz chamado Paulo que mais tarde foi advogado e que, nessa altura, estava no balcão de atendimento. Pouco tempo depois, estava a Liga a funcionar e nós a circular pelas enfermarias com o carrinho dos livros e a conversar com os doentes. E foi assim que a Liga começou.

Período de ampliação do serviço de Voluntariado

51

Pouco tempo depois, apareceram por aqui muitos estudantes-voluntários. Estes jovens acompanhavam-me no serviço das enfermarias. Eu passei por todos os serviços, mas comecei pelas enfermarias. Levávamos o carrinho dos livros, eram livros bons que os doentes podiam requisitar durante o tempo de internamento e que nos eram devolvidos no final da leitura. Falávamos com eles acerca do seu estado de saúde, da família, perguntávamos se precisavam de alguma coisa, como por exemplo, um pijama, uns chinelos, um telefonema para a família, etc. Procurávamos fazer uma abordagem de aproximação.

Naquela altura, havia uma casinha aqui perto, que hoje já não existe e que era uma pequena pensão, onde pernoitava o familiar do doente quando vinha trazê-lo, ou quando o levava de regresso a casa. Se as pessoas não tivessem possibilidades económicas para tal, a Liga pagava-lhes a pernoita. Naquela época, ainda não havia o Serviço Nacional de Saúde, portanto, o transporte era por conta de cada um. E, nos casos extremos, a Liga também colaborava.

Pouco depois, quando se começaram a distribuir os pequenos-almoços no CICAP, eu estive também presente. Durante bastante tempo, aí fiz e servi os pequenos almoços.

Dei ainda apoio ao serviço de RX, no edifício antigo, durante a manhã, juntamente com uma colega já falecida, a Gina. Também fiz serviço na Urgência, das 11 até às 14 horas e, logo de seguida, passava para as enfermarias. Quando fazia esses dois serviços, estava todo o dia no Hospital. O Voluntariado que fiz ao serviço do Hospital foi sempre, evidentemente, completamente gratuito.

Algum tempo depois, iniciou-se o Peditório pela cidade, que tinha a duração de três dias consecutivos, de manhã e de tarde, e no qual participei também.

O 1º Peditório foi no Campo 24 de Agosto. Não havia ainda voluntários suficientes, por isso pedi a pessoas minhas amigas que se disponibilizaram, cheias de entusiasmo e tudo resultou bem, foi muito bonito. No final do último dia, em jeito de enceramento festivo, a Banda Musical dos Bombeiros Voluntários da Rua Fernandes Tomás foi-nos buscar ao local onde nos encontrávamos. Estávamos identificadas com a farda e o crachá e pedíamos a quem passava. No final, a Banda, sempre ao nosso lado e a tocar músicas muito bonitas, acompanhou-nos, em passo lento, até chegarmos ao Hospital de Santo António. Ao longo deste percurso muitas pessoas pararam estupefactas, a admirarem-nos e a baterem palmas. Foi uma ideia brilhante do Dr. Roseira. Foi tudo muito, muito bonito.

Depois comecei a fazer o peditório em frente ao Bolhão, acompanhada por outras colegas que, infelizmente, já faleceram. Guardávamos as caixas numa ourivesaria perto do Bolhão, na Rua Sá da Bandeira. Depois, outro colega que também já faleceu, ia lá buscá-las com uma carrinha. Mais tarde, passei a ir para a Praça e depois para a Rua de Sta Catarina. Nesta altura, já havia mais voluntários.

Também cheguei a fazer 15 dias de peditório no Pão de Açúcar, na Boavista, com uma colega que também já faleceu. Mais tarde participei também num outro peditório que houve, através de um contacto direto com as empresas. Tudo isto aconteceu no tempo do Dr. Roseira. E ainda chegámos a fazer um peditório à própria Polícia, na Secção de Trânsito, na Batalha, com colegas que ainda cá estão na Liga, a Berta Ferreira, a Maria Alice e a Julieta.

Além de tudo isto, ainda fizemos peditórios indo diretamente aos Bancos. Também participei nesta ação de angariação de fundos, tendo sido acompanhada pela Julieta. Fizemos muitas, muitas coisas que hoje já não se fazem.

Algum tempo depois, começaram a entrar mais voluntários. Tenho um filho que logo no início da Liga também fez aqui Voluntariado. Ainda esteve cá sete ou oito anos, mas quando o número de voluntários aumentou bastante, achámos que a sua participação já não era absolutamente indispensável. E como ele andava a estudar e precisava de mais tempo para se concentrar nos estudos, saiu.

Entretanto, eu continuei e continuo a fazer sempre tudo o que podia e posso em benefício da Liga. Em determinada altura, a Irene achou que já havia voluntárias suficientes para cobrir os serviços todos e eu fiquei só com as enfermarias, apesar de gostar muito de estar no serviço de Urgência, onde eu sentia que ajudava mais as pessoas! Uma vez estava na Urgência e entrou um senhor, em convulsões, numa cadeira de rodas. Começou a tocar a sirene para virem os médicos, mas enquanto eles não chegaram, eu aconselhei os bombeiros a prenderem-lhe as pernas e a segurarem-lhe os braços e a cabeça. E assim fizeram. Entretanto, quando os médicos chegaram, já ele estava sossegado. Tinha sido um ataque de convulsões epiléticas. Eu tinha experiência porque já tinha visto muitos casos e tinha uma cunhada com esse problema. Mas eu gostava muito de prestar estas pequenas ajudas aos doentes, às vezes até os médicos me pediam para segurar o soro, enquanto eles intervinham.

Quando, mais tarde, começaram a aparecer muitas voluntárias, optei pelas enfermarias, à 5ª feira. Além disso, como já éramos muitas, arranjei emprego num lar, onde trabalhei durante 22 anos. A minha folga semanal era à 5ª feira.

Mas estava tão emocionalmente comprometida com a Liga, que não abandonei o Voluntariado. Continuei ao serviço da Liga, e desde então até hoje, durante a minha tarde de folga, tenho feito sempre a visita aos doentes internados nas enfermarias.

Memórias avulsas ou histórias dentro da história

55

Uma vez veio aqui um jornalista que queria entrevistar duas voluntárias das mais antigas para escrever um artigo e publicá-lo numa revista. As mais antigas era eu e a Alcina, por isso fomos nós as escolhidas. O senhor pediu-nos para contar uma história desse tempo para uma Revista onde trabalhava. Vou então contá-la novamente, porque aquele caso impressionou-me muito.

Um dia, fui com o carrinho fazer as enfermarias de Fisiatria e Pediatria, como habitualmente. Naquela altura, como havia poucas voluntárias, fazíamos um serviço diferente por dia. Estava então no serviço de Pediatria um miúdo acompanhado pela mãe e pela enfermeira de serviço. Aproximei-me e perguntei-lhe – Queres um livrinho? E mostrei-lhe um livro de histórias muito interessante. Ele respondeu-me: - Quero! E sorriu. A pessoa que estava ao seu lado começou a chorar. Era a mãe. Depois de terem saído, perguntei:

- S^{ra} Enfermeira porque é que a mãe estava a chorar?

- Porque o menino já não falava com ninguém desde ontem e só agora é que ele falou, e foi consigo. A partir daí, passei a ir visitá-lo diariamente. Estavam os pais, que se revesavam, estava a Assistente Social, estava a Enfermeira, estavam permanentemente vários funcionários, mas eu visitava-o diariamente. Tinha Leucemia.

Em Agosto, como habitualmente, o serviço de Voluntariado fechou para férias. Quando regressei, fui logo vê-lo, mas o menino, entretanto, falecera. Tentaram ligar-me durante o período de férias, assim me disseram, mas por qualquer razão, não conseguiram. Eu fiquei de tal maneira chocada que nunca mais quis fazer o serviço de Pediatria. Não consegui.

Uma das vezes em que fui ao serviço de cirurgia vascular, aconteceu o que a seguir vou contar. Havia muita gente no corredor da enfermaria porque tinha falecido um doente. As pessoas, ansiosas, esperavam no corredor e pediam-me, aflitas:

- Por favor, veja se foi o meu pai, se foi a minha mãe...

O corpo estava no corredor, fora da enfermaria, mas as pessoas não podiam entrar.

- Está bem, eu vou saber.

Entrei, e enquanto estava a ajudar a auxiliar a esticar os lençóis da cama que estava a fazer, perguntei-lhe onde estava a pessoa que tinha falecido ao que ela me respondeu:

- Onde você tem a mão! Quando eu olhei, ela estava a preparar a pessoa que tinha falecido. Fiquei estarrecida e saí. Quando, à porta, aquelas pessoas me perguntaram quem era, respondi-lhes:

- Olhe, não consegui saber!...

Fiquei muito chocada com a resposta que a auxiliar me deu.

Os doentes eram muito carinhosos connosco. Uma vez na enfermaria estava um rapaz internado e eu estava a falar com ele quando os pais entraram. Era uma família de etnia cigana, agradeceram-me muito por estar ali a fazer companhia ao filho. Tanto os doentes, como os seus familiares, fosse qual fosse o seu estatuto social, foram sempre muito carinhosos connosco.

Por vezes, havia doentes que estavam aqui internados há muito tempo e, quando entrávamos, era uma enorme alegria para eles. No início, os internamentos eram prolongados, por isso, quando entrávamos nas enfermarias faziam-nos uma grande festa, conversavam muito, falavam-nos da família, já estavam à espera do jornal que lhes levávamos. Quando eram de longe e não tinham família por perto, ficava sempre mais tempo a conversar com eles e sempre que precisavam, procurava pô-los em contacto com a família.

Enquanto eu puder, continuarei a praticar, sem hesitação nem sacrifício, o Voluntariado a bem dos doentes.

**Maria
Emília
Pessoa**



A história foi contada num ambiente recatado e bem conhecido de ambas. A Maria Emília, irradiando simpatia, como habitualmente, veio carregada de revistas, opúsculos, folhetos, fotografias, todo um acervo carinhosamente recolhido, guardado e oferecido para os arquivos da LAHSA. Tudo aquilo que guardou ao longo de uma vida de total entrega a uma causa, ficou depositado nas minhas mãos. Para leitura futura e para posterior entrega à Liga, onde ficaria guardado como acervo histórico, acrescentou. Não é possível descrever o carinho expresso naquele olhar e naquele sorriso, enquanto me passava, firme e confiantemente, todo o seu repositório relacionado com a Liga. O meu pensamento focou-se, nada poderia perder-se!

Abrir a cova para plantar a árvore que se quer ver crescer, requer vontade, concentração, curiosidade e muita força e persistência para que não esmoreça.

Vamos começar então. Sala da Liga, 9 horas da manhã. Espalha-se o material, liga-se o gravador. Ouve-se a narrativa, levantam-se questões pacientemente esclarecidas, contam-se histórias em quadros retalhados, levantam-se novas questões, procuram-se esclarecimentos que permitem, a partir de quadros soltos, tecer o “fio da história”. O fio da História da Liga narrada por quem a construiu.

Porque entrei para a Liga

62

Em 1979 fui internada, por doença grave, no Serviço de Neurocirurgia do Hospital de Santo António. Aí permaneci em situação de internamento durante 4 meses, que, de tão longos me pareceram anos. Ficou-me na memória a percepção de ter sido muito, muito tempo.

Os médicos então responsáveis por este serviço eram o Dr. Rocha Melo, o Dr. Leão Ramos e o Dr. Luís de Carvalho. Este último foi Diretor do Hospital e muito meu amigo. Infelizmente já falecido há algum tempo, foi ele que me tirou da angústia imensa em que mergulhei durante este longo e terrível período da minha vida...

Durante esse tempo infindável que durou o meu internamento, vi e ouvi tanta, coisa!... Muitos doentes ali entraram em estado grave, muitos de lá saíram sãos ou quase sãos, mas também muitos ali morreram. Tudo isto acontecia ao meu lado. Aquela enfermaria era um espaço de dor permanente, em contínua renovação, sem fim à vista. Assisti, com pesar, ao muito prolongado e intenso sofrimento sentido pelos doentes que ali habitavam e chocaram-me as lágrimas vertidas pelas suas famílias. Senti a minha dor acumulada pela dor sentida pelos outros, sobretudo por aqueles que, apesar de tudo, se encontravam em situação ainda pior que a minha.

E foi através da observação lenta e prolongada de tudo o que se passou em meu redor e me envolveu emocionalmente, que fui compreendendo a intensidade do que as outras pessoas também sentiam, o modo como reagiam à dor e à solidão, a tremenda sensação de braços caídos, amorfos, quando não se antevê saída à vista... Aquele tempo foi, para mim, aterrador!

Atualmente, o internamento é rápido, os meios de transporte também o são, assim como o nível de vida é outro. Há menos carências, há mais instituições de apoio, o telemóvel está quase sempre ali por perto, o contacto com a família é simples. É preciso, todavia, recordar que, à data dos factos, não existia ainda o Serviço Nacional de Saúde de que hoje usufruímos e, grande parte das pessoas que ali estavam em situação de internamento prolongado, vinha de toda a zona Norte, através de caminhos e estradas esburacadas, numa época em que a pobreza era muita e os proventos escassos. Grande parte de toda esta gente vinha de lonje e chegavam ao hospital já em estado de doença avançada. Por tudo isto, havia então um grande número de pessoas cujo internamento era muito prolongado ficando, portanto, sem qualquer apoio ou contacto familiar.

Quando terminou a tortura do meu longo internamento, depois da alta dada pelo meu médico, o Dr. Luís de Carvalho, continuei a vir sistematicamente ao Hospital, em frequentes consultas de seguimento. Percebi, durante os tempos de espera, que havia vozes no ar defendendo a criação de uma estrutura de apoio aos doentes internados. Senti logo dentro de mim a necessidade imperativa de me oferecer para tudo o que fosse necessário fazer, em benefício dos doentes. No final de uma dessas consultas, passou-se isto em finais da década de 70, disse eu ao grande médico que me seguia e, por sinal, muito meu amigo, o Dr. Luís de Carvalho:

- Sr. Dr., agora que já estou melhor... Gostava muito de me entregar a qualquer causa destinada a apoiar os doentes internados... Soube que no Hospital se está a pensar em criar um movimento humanitário, algo de muito especial que anda no ar... Sei que se está a projetar a criação de qualquer coisa para apoiar

os doentes... Se me aceitarem, eu estou disponível para colaborar em tudo aquilo que for preciso...

E respondeu-me ele:

- Sim, existe um movimento destinado à criação de uma Liga de voluntários aqui no Hospital. A D. Maria Emília está interessada em participar neste movimento? Se quiser, pode ir então falar com o Dr. Roseira, que está já a trabalhar para pôr esta ideia em prática.

Assim fiz. Fui então informada que ia haver uma reunião para discutir algumas ideias e tomar algumas medidas.



Os pilares da organização do Voluntariado

O início: implantar raízes

65

No dia da reunião, muito tímida e humildemente, fui lá abaixo à sala onde o Dr. Roseira já estava com mais três pessoas: A Antonieta, a irmã Isabel e a Maria Alice Martins.

O Dr. Roseira convidou-me a sentar. Era esta a primeira reunião para criar os alicerces de tudo o que se lhe seguiu. Aconteceu isto em Janeiro de 1981.

Apresentei-me, expliquei como tinha tomado conhecimento da Liga, os motivos que me levavam a estar ali, declarando-me totalmente disponível para o desempenho de qualquer tarefa em benefício dos doentes.

O marido da Antonieta era jornalista, tinha havido anúncios na rádio, tudo dinamizado pelo Dr. Roseira, e ela ofereceu-se, de imediato, para participar neste movimento. Foi a primeira voluntária. A irmã Isabel, que já andava por ali a visitar os doentes, foi a segunda. A terceira foi a Maria Alice Martins, que me parece ter tomado conhecimento da existência deste movimento também pela rádio. Revelou-se depois uma pessoa muito dinâmica e ajudou muito a Liga. E eu fui então a quarta voluntária. E assim começou a LAHSA, ancorada em quatro voluntárias que passaram a trabalhar intensamente sob a orientação entusiasta e dinâmica do Dr. Roseira.

Nas primeiras reuniões, muito frequentes, dava-nos informações sobre comportamentos coletivos e tarefas individuais. E assim a Liga foi dando os primeiros passos. Definiram-se os objetivos, foram-nos atribuídas tarefas a

cada uma de nós, cujos resultados eram, posteriormente, analisados nas muitas reuniões que então tivemos.

O primeiro mês foi destinado a reuniões para a formalização da estrutura da Liga. Trabalhou-se intensamente em várias vertentes, desde a definição dos seus princípios fundadores, aos objetivos a alcançar, às vias para a concretização dos mesmos, ao papel e comportamento dos voluntários, à definição das suas rotinas junto dos doentes e dos respetivos serviços, à criação de um espírito identitário de equipa, à angariação de fundos, à implantação de uma estrutura organizativa, ao alargamento do corpo de voluntários, à definição e distribuição das tarefas que a cada um competiam. Foi, em boa verdade, um período de trabalho árduo, mas muito entusiasmante.

O impacto da ação dos voluntários manifestou-se bastante positivo, pelo que este entusiasmo inicial gerou ainda mais entusiasmo, à medida que o êxito ia sendo alcançado, de tal modo, que o número de voluntários foi aumentando. À medida que iam entrando, tinham de assistir às sessões de formação institucional, para além de acompanharem sempre a atividade de um voluntário durante um ano civil.

Logo após a criação da Liga, iniciou-se o período de definição de papéis, organização de tarefas, indicações sobre o comportamento e a apresentação dos voluntários dentro de todo o Hospital. Era importante manter qualidade e dignidade, respeitando as regras nas interações com todos os funcionários que ali trabalhavam, com os doentes e com as respetivas famílias...

Os primeiros tempos foram de informação sobre as regras do Hospital, sobre a organização dos serviços, e a nossa própria formação. Compreende-se, por isso, a necessidade do elevado número de reuniões que tínhamos.

Formação dos voluntários

Pouco antes do início da Liga, já existia um carrinho com alguns livros para empréstimo aos doentes em internamento prolongado. Os livros eram poucos, por isso o Dr. Roseira empenhou-se na criação progressiva de uma biblioteca ao serviço dos doentes, a qual, com o tempo, adquiriu um montante de volumes muito, muito considerável.

Durante o período de formação inicial tínhamos muitas reuniões, nas quais o Dr. Roseira pretendia trabalhar connosco um conjunto de questões em torno de dois conceitos que considerava fundamentais – *Orientação e Responsabilidade*.

A questão da *orientação* foi menos complexa, tratava-se, em suma, de “conhecer os quatro cantos da casa”. Ainda assim, era necessário conhecê-los fisicamente, isto é, saber onde se situavam, quais os seus acessos, para podermos ajudar os doentes ou os seus familiares a orientarem-se dentro do Hospital. Eu até fiz um mapa com todos os espaços e a respetiva identificação. Era necessário, também, conhecer as pessoas que aí trabalhavam, o que faziam, em suma, conhecer de um modo continuado e progressivo, as rotinas dos vários serviços.

Muito difícil, porém, foi trabalhar o conceito de *responsabilidade*. A nossa entrada nos vários serviços era vista geralmente, por quem lá trabalhava, como uma intrusão, perspectiva essa que gerou desconfianças e alguns comportamentos defensivos por parte dos profissionais que trabalhavam nesses serviços. Foi necessário aprender um conjunto de formalismos sociais, mediante o recurso persistente a comportamentos discretos, de forma a quebrar barreiras. As ferramentas comportamentais mais treinadas e utilizadas foram, a humildade na abordagem interpessoal, a delicadeza no trato, enfim, a explicação pormenorizada como resposta a todas as questões colocadas acerca do que se andava por ali a fazer... Todos estes comportamentos em que se foram alicerçando as interações da Liga com a estrutura hospitalar estavam subsumidos no conceito de “responsabilidade” proposto pelo Dr. Roseira.

Com vista a preparar as voluntárias para enfrentarem condignamente todas estas reservas fizeram-se muitas reuniões e algumas palestras. Lembro-me particularmente de uma em que o Dr. Paulo Mendo se focou essencialmente nas atitudes e comportamentos que devíamos ter em todos os serviços que visitávamos.

O Dr. Paulo Mendo foi um notável suporte do Dr. Roseira, na medida em que partilhavam objetivos comuns relativamente ao funcionamento do Hospital e aos cuidados de saúde a prestar aos doentes. Apoiou sempre o Dr. Roseira, fez parte da Direção do Hospital, mais tarde foi Presidente da Liga e chegou até a ocupar o cargo político de Ministro da Saúde.

Estruturação do Voluntariado

Visita às enfermarias

69

O primeiro serviço a ser apoiado pelos voluntários foi o serviço de internamento em enfermarias, uma vez que os doentes aí permaneciam durante muito tempo, como já foi dito.

Havia inicialmente um carrinho com livros que circulava pelas enfermarias e se destinava a ajudar a passar melhor o tempo àqueles doentes que tinham o prazer da leitura. Anotava-se o nome do doente e o respetivo número de cama e, depois de lido, era recolhido. Havia armários com estantes onde se arrumavam os livros, devidamente catalogados e cujo número foi aumentando progressivamente, graças à iniciativa do Dr. Luís Roseira.

Conversávamos muito com os doentes, procurando saber de onde vinham, se tinham contacto com a família ou se precisavam de algum tipo de apoio humanitário. Sempre procurámos resolver os casos problemáticos, identificando os familiares, pedindo o seu endereço, bem como o telefone público mais próximo das respetivas residências. O objetivo era que o doente pudesse contactar com a sua família.

Fizemos muitos telefonemas em nome da Liga, (ainda não havia telemóveis) para dar informações sobre o estado da saúde dos familiares internados e daquilo que as pessoas eventualmente necessitassem. Por vezes, quando os doentes não tinham acesso ao telefone por viverem afastados do núcleo central das freguesias, nós escrevíamos cartas aos parentes. Nessa época, o Voluntariado era uma atividade indispensável ao bem-estar do doente e, no ponto de vista emocional, a afetividade era, e continua a ser, fundamental para suportar a solidão e o sofrimento.

Logística: horários e instalações

Foi estabelecido pela Direção o horário de funcionamento da Liga que seria das 14:00 horas às 16:30.

Nessa época, reuníamos-nos com frequência, apesar de as instalações serem precárias e reduzidas.

Ao longo do tempo, o trabalho da Liga passou a ser conhecido na cidade e as inscrições de candidatos a voluntários foram aumentando gradualmente. A complexidade da organização que o Voluntariado atingira, requeria um responsável a tempo inteiro, tarefa que o Dr. Roseira obviamente não podia cumprir. Por isso, entregou à Maria Irene Gaspar, pessoa da sua total confiança, a tarefa de coordenação e organização do Voluntariado a tempo inteiro. A Maria Irene Gaspar foi, portanto, a nossa primeira coordenadora, a partir de Maio de 1981. Foi sempre uma pessoa extraordinária, uma grande senhora.

A farda definitiva foi escolhida pela Maria Irene, assim como que o cartão pessoal, símbolos de uso obrigatório para a identificação dos voluntários dentro do Hospital. Por isso, foram desde logo mandados confeccionar. A Maria Irene era muito rigorosa e queria que as voluntárias se apresentassem exemplarmente.

À medida que o entusiasmo, o empenhamento e o compromisso iam aumentando, mais fácil se tornava a angariação de fundos, o recrutamento de novos voluntários e a ampliação dos cuidados prestados pela Liga. No fim do ano éramos já um grupinho razoável.

Instalações

Durante alguns anos estivemos sempre nas instalações iniciais, bastante precárias e muito reduzidas em tamanho. No início, sobretudo no primeiro mês, tínhamos necessidade de reuniões diárias que se faziam no espaço que nos haviam destinado. Era no 2º piso, ao fundo de um corredor com pouco movimento, ao lado do serviço de Urologia. Foi aí colocado um armário onde se depositavam os livros para o carrinho dos doentes, ao lado dos quais guardávamos os nossos pertences; despíamo-nos e vestíamo-nos nesse corredor. Estivemos nestas instalações dois ou três anos. Nem uma secretária havia. Apenas umas pequenas e poucas prateleiras onde fazíamos o registo do movimento do carrinho dos livros.

Três ou quatro anos depois, o número de voluntários aumentara substancialmente, tal como o nº de livros. O Dr. Roseira era uma pessoa muito ativa, não parava, falava com as livrarias, falava com toda a gente e a Liga recebia inúmeras dádivas, que era necessário catalogar e organizar. Havia então imensos livros que, anos mais tarde, já não eram tão necessários por circunstâncias várias, tais como o melhoramento dos meios de transporte, a criação dos Hospitais Distritais, e a redução do tempo de internamento hospitalar. Esses livros foram, mais tarde, doados à Casa do Pessoal. Todavia, naquela época foram muito importantes para ajudar os doentes a combater sentimentos negativos de isolamento e de solidão.

À medida que a Liga ia sendo conhecida, foram entrando mais voluntárias e, por isso, foi necessário criar esquemas gráficos com as indicações dos serviços, a sua localização, algo que facilitasse aos novos voluntários a sua orientação e o desempenho das tarefas que lhes estavam destinadas. Houve da nossa parte um sentimento de entrega muito intenso. Éramos todas muito amigas, procurámos ser

um exemplo para quem viesse depois de nós. Funcionávamos de um modo bastante informal, conhecíamos-nos bem, trocávamos opiniões, quando havia dificuldades procurávamos resolvê-las, em suma, entendíamos-nos... E assim fomos crescendo.

As pessoas estavam muito motivadas, havia uma grande união, uma vontade coletiva direcionada para a ajuda ao Outro. Havia uma entrega a uma Causa e um amor muito grande por tudo o que se fazia em prol da ajuda aos doentes de forma a diminuir-lhes o sofrimento.

Em casa estava sempre a imaginar algo de motivante para afixar nos painéis da Sala do Voluntariado. Frases, poesias, pensamentos que gostava de partilhar com quem os lia.

O serviço começou a crescer, foram entrando gradualmente mais voluntárias, até chegarmos ao que temos hoje.

Criação de novos serviços de apoio

Mais tarde, o Dr. Roseira começou a pensar em coisas novas. Aquela cabeça não parava, procurava sempre a melhor solução para qualquer problema relacionado com o serviço hospitalar. Começou a pensar dar os primeiros pequenos-almoços no serviço de Oncologia, porque os considerava serem indispensáveis ao bem-estar dos doentes.

No Carregal funcionava o Hospital de Dia, destinado aos doentes que, afetados pelo cancro, necessitavam de controlo sistemático em regime ambulatorio. Muitas pessoas chegavam ao Carregal às 6:30h ou às 7:00h da manhã, porque vinham de

longe e só tinham transportes a essa hora. Como o Hospital só abria às 8 horas, as pessoas ficavam por ali à espera. Havia muita pobreza e muitos ficavam sem comer.

O Dr. Roseira esteve sempre focado no bem-estar dos doentes e decidiu criar um serviço de apoio para estas pessoas – a distribuição de pequenos-almoços no serviço de Oncologia, destinado aos doentes externos. Criou então mais esse serviço de apoio voluntário. Este foi o 1º serviço de distribuição de pequenos-almoços. Este serviço foi entregue às voluntárias Margarida e Eglantina Matos, em 2002. A Margarida deu sempre os pequenos-almoços em Oncologia até há pouco tempo.

Posteriormente, dado o êxito obtido no bem-estar dos doentes, pela prestação deste serviço voluntário, em breve se alargou a distribuição de pequenos almoços a outros serviços – oftalmologia, pé-diabético, ortopedia e, mais recentemente, hematologia e análises clínicas, procurando sempre o bem-estar dos doentes em regime ambulatorio.

Como não há fumo sem fogo, também não há gastos sem fundos.

O Dr. Roseira era imparável nas tentativas de angariação de fundos para sustentar tantas despesas. Fazia muitas intervenções e apelos nos meios de comunicação social, divulgando as razões de existência da Liga, explicando os serviços que prestava aos doentes e a conseqüente necessidade de donativos. A assistência prestada pela Liga começou a ser conhecida na cidade, e assim foi conseguindo donativos que provinham das mais variadas fontes: Mecenias, particulares, Instituições públicas, Bancos... Além disso, a Liga era, e é constituída por sócios, com pagamento de quotas, cujo montante revertia nesse tipo de despesas assistenciais.

À medida que o trabalho da Liga ia sendo conhecido e reconhecido, a sua área de atuação foi-se alargando, apoiando novos serviços... Criou-se depois o Serviço de Balcão, e mais tarde ainda, o de Orientação no Hospital e no CICAP..

Para evidenciar a qualidade do trabalho realizado pelos serviços da Liga cumpre-me dizer que tudo o que se fazia no terreno, era continuamente avaliado pela Direção em sessões quinzenais.

Formação contínua do Voluntariado

A chegada de novos voluntários implicava a necessidade da sua formação. Foram então criados cursos de formação para os todos os voluntários, para os quais o Dr. Roseira convidava palestrantes conhecidos pela sua excelência nesta área. Alguns vinham de lonje, nomeadamente de Lisboa. Tal é o caso do Padre Feitor Pinto, um comunicador extraordinário, que aqui veio várias vezes. O Padre Rui Osório, da Igreja da Foz, foi também um palestrante muito interessante. Algum tempo depois começámos a ter cursos de formação mais sistemáticos, dados por um psicólogo, o Dr. Inácio, que tinham a duração de 2 ou 3 dias por semana. Foi-lhe também atribuída a tarefa de entrevistar novas voluntárias.

Algum tempo depois saiu, e entrou a Dr^a Lucília, também psicóloga, pessoa muito acessível, com quem reuníamos frequentemente. Enquanto aqui estive, encarregou-se de organizar os ficheiros da Liga. Nessa altura já havia muita gente nova e foi-lhe atribuído um espaço próprio. Trabalhou bastante de perto com a Dra Irene, o Dr. Roseira e o Dr. Rocha Melo. Quando saiu, deixou tudo organizado.





Estruturação final

77

Percorrido que foi todo este percurso de construção e organização, já a Liga tinha elementos com formação suficiente para continuarem a trabalhar por si próprios. De entre os mais experientes, foram escolhidos os “Responsáveis” por cada serviço. A sua função era e é fazer a articulação entre a Direção da Liga, os serviços respetivos e os voluntários. Entretanto, a Maria Irene adoeceu e a coordenação foi atribuída à voluntária Maria Tavares que, infelizmente, faleceu pouco depois e foi substituída pela enfermeira Célia que, recentemente reformada, oferecera os seus préstimos à Liga. Isto, já em 1997. Entretanto, a Maria Irene melhorou e regressou com a finalidade de orientar a Célia. Em 1999, a Maria Irene abandonou definitivamente a coordenação, tendo continuado como membro da Direção.

Eu estive ausente durante algum tempo, por motivo de doença prolongada do meu marido que, entretanto, faleceu.

Regressei então como coordenadora em 1999, em sintonia com a enfermeira Célia. Ela estava durante a manhã eu durante a tarde. Por razões de saúde, tive de me retirar em 2012.

Por normativas estatutárias, os presidentes só podiam ter dois mandatos seguidos, de três anos cada. Assim, no final dos dois mandatos, o Dr. Roseira foi substituído pelo Dr. Paulo Mendo. Seguiu-se-lhe o Dr. Rocha Melo que, infelizmente, faleceu durante o respetivo mandato, tendo sido, entretanto, substituído pelo Dr. Luís Roseira. Regressou depois o Dr. Paulo Mendo, a quem se seguiu o Dr. Benvindo Justiça e, atualmente, a Liga funciona sob a direção do Dr. Manuel Campos.

Em jeito de despedida - o meu ideário

78 Estas linhas que gostava que lesse, simbolizam o que eu senti quando entrei ao serviço da Liga. Expressam o meu compromisso de entrega à Causa do Voluntariado, o que fiz até ao fim das minhas forças. O meu desejo de servir a Liga transformou-se num ideal.

Entretanto, por razões de saúde, tive de me retirar.

Toda eu me sinto entregue a um ideal

Os meus sentidos estão presos

Alguém mos prendeu

Nesta prisão

Não tenho grades nem estou algemada

Estou presa a um sentimento maravilhoso que se pronuncia

AMIZADE

Amizade que sinto por todos vós

Dra. Irene Oliveira

vice-presidente
da LAHSA



Porque estou aqui

Entrei para a LAHSA há já 33 anos, disponibilizando, ininterruptamente, o meu tempo, saber e energia, ao serviço público que esta Instituição presta no Hospital de Santo António. Para se entenderem as razões que me impeliram ao desempenho dedicado a esta causa social e humanitária é necessário, como em qualquer história, começar pelo princípio. E assim farei.

83

Pouco depois de ter completado a minha formação académica, casei e tive uma vida familiar e social intensa e feliz. Nasceram-me três filhos, cuja educação acompanhei de muito perto. Pude fazê-lo, porque voluntariamente abdiquei de uma vida profissional que poderia ter tido, para poder acompanhar a sua educação e instrução escolar. Foi uma opção minha, em momento algum me arrependi dela e fui muito feliz com a minha família.

Até o dia em que fui tocada pelo lado negro da vida.

Foi há 32 anos que me faleceu uma irmã muito querida; aliás, a única que tive e a quem acompanhei de perto, durante um longo período de sofrimento. Tinha ela 40 anos e eu 38 quando lhe foi feito o diagnóstico da causa desse sofrimento - um cancro no seio. Vivia sozinha e tinha um filho. Faleceu com 45 anos de idade, depois de ter experimentado durante 5 anos os diferentes tratamentos que lhe eram propostos, oscilando, permanentemente, entre a esperança e a desesperança. Como única irmã, a quem me ligavam fortes laços de profundo afeto, estive sempre ao seu lado, tentando dar-lhe alento e ânimo. Acompanhei-a sempre na busca permanente de um novo e eficaz processo de cura. Fizemos todos os tratamentos que a Medicina propôs. Sem querer perder a esperança, chegámos mesmo a levá-la a Londres, na senda da eficácia de novos procedimentos, mas todos os esforços foram em vão. Deixou-nos em 1982.

Fiquei muito afetada por toda esta luta entre esperança e desesperança, percebendo que nada mais restava senão a agonia atroz que acompanha o baixar dos braços a que a impotência inelutavelmente obriga. É terrível quando se percebe que nada mais se pode fazer para prolongar a esperança de uma vida que intensamente se deseja e permanentemente nos foge.

Foi muito intenso o desgaste psicológico que me afetou por todo este prolongado processo de luta inglória, traduzido num enorme sofrimento sentido pela perda da minha irmã. O seu desaparecimento deixou-me um enorme vazio, foi como se tivesse perdido um pedaço de mim. Reencontrar o sentido da vida passou pelo impulso instintivo de tentar minimizar, de alguma forma, o sofrimento humano.

Percebi mais tarde que sofrer é um aspeto intrínseco ao ato de viver. Sem mais. Comecei então a procurar processos que me levassem a aceitar esta condição, tentando acalmar um sentimento de revolta interior. Rapidamente compreendi que o sofrimento fazia parte não apenas da minha vida, mas mais ou menos silenciosamente, da vida de muitos outros. Gerou-se em mim uma espécie de impulso positivo para a ação.

Vivia-se nessa época um período social e político em que emergiam ideias inovadoras, movimentos de solidariedade dirigidos para a criação de associações de Voluntariado social, como foi o caso da Liga que então nascia no Hospital de Santo António. E convenci-me que, em nome da minha irmã e da vida que ela tinha perdido, eu poderia também ajudar muitos outros, procurando, pelo menos, minorar-lhes o sentimento de isolamento e solidão através de um apoio psicológico de retaguarda. E propus-me então aderir a esta Causa.

A entrada para a LAHSA

Sendo os meus filhos já adultos e passados que foram os dois anos de luto profundo da morte da minha irmã, tomei a decisão de, em seu nome, tentar ajudar Outros. Soube, através de um jornal diário, que o Dr. Roseira, fundador e grande dinamizador da Liga dos Amigos do Hospital de Santo António, procurava voluntários para aqui trabalharem, sob a sua orientação, a favor dos doentes. O anúncio referia também a existência de um curso de formação para o Voluntariado hospitalar que teria início uns dias depois. Com entusiasmo e sem hesitação, inscrevi-me como voluntária e tive a oportunidade de assistir a esse curso.

85

Após a frequência do mesmo, efetuei o ano probatório de estágio, isto é, de prática acompanhada por um voluntário experiente e, provas dadas, tornei-me finalmente voluntária. A partir de então, executei ininterruptamente todas as tarefas que me foram atribuídas, sempre com entusiasmo e entrega, em nome do apoio aos doentes, e da consequente humanização do Hospital.

Ao longo do estágio, em contacto direto com os doentes e os respetivos serviços, tomei consciência que os doentes, para além do apoio médico e de enfermagem, precisavam também de algo mais, por exemplo, de falar da sua vida, precisavam que alguém os ouvisse quando desabafavam sobre a sua doença, quando falavam da família e da saudade que sentiam, quando falavam do filho com deficiência que ficara entregue a uma vizinha, ou do marido que ia trabalhar e deixava os filhos entregues a si próprios. Tinham, enfim, necessidade de conversar sobre um nunca mais acabar das pequenas/grandes coisas de que a vida é feita, mas que se tornam insuportáveis, ampliadas que são, pela falta de notícias. Naquela época, raríssimas pessoas tinham acesso aos meios de telecomunicação.

Foi a tomada de consciência destes e de outros problemas periféricos à área da saúde, que me fizeram sentir a utilidade do meu trabalho como voluntária. Além do mais, mediante a visita às enfermarias, fui aprendendo a desvalorizar os meus próprios problemas, que não eram apenas meus, afinal eram de todos. Esta constatação fortaleceu-me o espírito e ajudou-me a tomar consciência da dimensão das angústias sentidas pelos doentes por estarem simultaneamente internados e afastados da família. Compreendi que, saber ouvir para apoiar era, ao fim e ao cabo, o fundamento da intercomunicação positiva que os ajudava a estar ali. E este contacto, mediado pelo sentimento de proximidade foi, afinal, um dos pilares em que os vários presidentes da Liga assentaram a ação do Voluntariado Hospitalar.

A execução de tarefas de proximidade a favor do doente era entendida como uma espécie de apoio social e humano de retaguarda. Era esta a principal função dos voluntários que visitavam as enfermarias. Tratava-se da execução de tarefas complementares e não de sobreposição. Os voluntários eram treinados para saber ouvir e saber fazer, sem ultrapassar as competências que lhe eram conferidas. Daí a necessidade de formação social e humana dos voluntários focada no saber ouvir, saber observar, e agir apenas na área social.

Estes requisitos vieram ao encontro das motivações pessoais muito profundas que eu já sentia na área da ajuda ao próximo e que foram sustentadas, solidamente, ao longo de todos estes anos em que tenho servido a Liga, sem nunca ter sentido qualquer desmotivação. Trata-se de um compromisso permanente, moralmente assumido desde então, até que a saúde me falhe.





O percurso após a entrada na Liga

Ao longo do tempo em que servi a LAHSA, desempenhei várias tarefas e funções, ditadas pelas necessidades da Liga, os ditames da Direção, e as minhas próprias capacidades.

89

Visita às enfermarias

Iniciei o meu percurso no Voluntariado, com a visita às enfermarias e o apoio aos respetivos doentes internados, de acordo com as indicações da Liga. Nessa época, as instalações eram quase inexistentes. Havia uns cacifos num corredor do Serviço de Urologia, onde se guardava a carteira e se vestia a bata.

A Liga era, à época, uma organização que iria funcionar pela 1ª vez e necessitava ser estruturada de raiz, apesar de o número de voluntários então existentes, ser muito pequeno.

Era então coordenadora a Maria Irene, sob a Presidência do Dr. Luís Roseira. A Maria Irene era uma grande senhora, muito bem-educada e com uma grande capacidade de organização. Era uma pessoa de grandes qualidades, com espírito de liderança. Tinha oito filhos, o que, de certa forma, contribuiu para o desenvolvimento das imprescindíveis qualidades de trabalho, organização e liderança. Aprendeu muito bem a desempenhar as funções que lhe foram atribuídas, tinha bons princípios, uma personalidade cordial e inspirava dignidade. Ensinava com o coração.

Entretanto, o movimento do Voluntariado foi progressivamente aumentando em número, o que implicou a mudança para um espaço físico um pouco

mais amplo. Havia já 2 salas contíguas, embora de pequenas dimensões. No entanto, já tínhamos secretária e espaço para um arquivo. E assim continuou durante algum tempo, apesar de o número de voluntários ir aumentando gradualmente.

Formação contínua do Voluntariado

Em nome da qualidade institucional, todos os anos havia cursos de formação para os novos voluntários. Ouvi pessoas extraordinárias como o Padre Feitor Pinto que fazia umas preleções interessantíssimas sobre vários temas relacionados com o Voluntariado. Era um grande comunicador e cativava audiências. O tema dos discursos centrava-se essencialmente no papel social do Voluntariado, isto é, no tipo de ajuda que os voluntários deveriam prestar aos doentes, em suma, na definição do seu campo de ação junto dos doentes, sempre de natureza social e nunca interferindo em absoluto com o ato médico. As suas palestras eram muito, muito úteis. Todos os anos havia um período de formação para os novos voluntários.

E assim a Liga foi-se desenvolvendo, sob a orientação do Dr. Luís Roseira, o grande fundador e dinamizador da obra que esta Liga é, e da obra continuada que ela própria presta, de há 40 anos a esta parte, em permanente crescimento. A gestação e solidificação dos seus fortes e bem estruturados pilares devem-se à iniciativa e dedicação do Dr. Roseira, o seu grande Fundador que aqui deixou a marca do seu coração, da sua vontade e determinação, da sua alma e dinamismo, sem nunca ter hesitado uma só vez.

Angariação de fundos

91

Os doentes mais necessitados eram auxiliados pela Liga que lhes distribuía pequenos almoços, roupas, subsídios de transporte, medicamentos, e outras despesas que tinham de ser suportadas através de um serviço voluntário de angariação de fundos. Nunca tivemos qualquer subsídio para este tipo de despesas. O Voluntariado sempre viveu de doações, das quotas pagas pelos sócios, dos peditórios públicos, da organização de eventos. Sempre que pude, dei o meu melhor. O que me deu mais prazer e, porventura mais trabalho, foi a organização de um espetáculo para a angariação de fundos, que o Dr. Roseira, confiantemente me atribuiu. Nessa altura era ainda voluntária.

Foi um espetáculo de ballet no Teatro Rivoli, com a colaboração de Pirmin Treku um grande artista de bailado clássico, que comemorava os 25 anos da criação da sua Academia de dança. Correu muito bem, deu muito, muito trabalho, mas foi com muito gosto e entusiasmo que o preparei. Foi muito interessante e teve muito sucesso.

Como é sabido, Treku, nascido em 1930, era natural do País Basco, mas por via da guerra civil de Espanha, refugiou-se com a família em Londres, onde adquiriu formação em bailado clássico, tendo ingressado depois no conceituadíssimo Royal Ballet. Um acidente numa perna impediu-o, mais tarde, da prática do bailado, mas não do seu ensino. Veio para o Porto, tendo criado uma Academia de dança com o seu nome, de onde saíram outros nomes que ingressaram na Companhia Nacional de Bailado, na Gulbenkian...

Envolveu-se mais tarde no projeto “Porto de Crianças” dirigido para a aprendizagem da dança em idade escolar, uma iniciativa conjunta com a Câmara do Porto.

A organização deste espetáculo envolveu muitos parceiros, incluindo o Teatro Nacional de S. Carlos que através do seu Diretor Musical Maestro Silva Pereira nos apoiou com variados equipamento e técnicos de luz e som, tendo a Liga suportado só os custos de deslocação. A nossa maior preocupação era a grande qualidade dos meios técnicos necessários para concretizar essa grande realização artística de Treku que evidentemente também muito nos apoiou.

Todavia, a organização de tudo o que envolvia o espetáculo era uma tarefa da Liga. Ele dava o espetáculo, mas a organização era nossa. Ainda tenho lá muitos rascunhos de tudo o que ele exigia, em nome da qualidade.

A preparação deste espetáculo demorou entre 2 a 3 meses. Estabelecer contactos, acordar *timings*, montar tudo, foi bastante trabalhoso, mas foi um espetáculo extraordinário, com grande impacto na cidade. E, tal como se desejava, rendeu dinheiro de que a Liga muito necessitava.

Mais tarde, de acordo com os Estatutos da Liga, o Dr. Roseira teve de sair e entrou o Dr. Rocha Melo para a Presidência. Fui então indigitada por ele para fazer parte da Direção. Desempenhei sob a sua presidência o cargo de 1ª Secretária durante dois mandatos. Foi uma experiência fantástica, porque o Sr. Dr. Rocha Melo era uma pessoa muito acima da média. Faz parte da história do Porto. Foi um Homem de excelência no campo da Ciência, da Medicina, da Neurocirurgia. Era conhecido pelo seu saber científico, pela

sua cultura, pelo seu humanitarismo. Todavia, apesar disso, tinha um trato cativante, e era uma pessoa muito acessível.

Reuníamos-nos com frequência, a partir das 3 horas da tarde, para tratar de questões relacionadas com a Liga. Além do mais, era uma pessoa cultíssima, um excelente comunicador, sempre fiel aos seus princípios éticos e humanitários, às suas convicções e a ideais altruístas.

Nessa altura, a Liga cresceu e desenvolveu-se imenso, houve um grande aumento no número de voluntários, muito por influência das suas extensas e intensas relações sociais, junto de quem ele próprio se encarregava de propagar a Causa. Houve então um enorme crescimento, e o número de voluntários estava compreendido entre os 200 e os 250, o que implicou a necessidade de reorganização de tão elevado número de colaboradores.

Durante a presidência do Dr. Rocha Melo entrou como coordenadora a Senhora D. Maria Tavares. Tinha feito Voluntariado no Rodrigues Smith e veio substituir a Maria Irene na coordenação do Voluntariado. Teve um papel de relevo na organização do Voluntariado, quer no que respeita aos serviços, às entrevistas, à elaboração dos mapas, etc. Tudo o que até aí era feito empiricamente, passou a ser efetuado com sistematicidade...

Ainda durante a sua Presidência efetuaram-se vários outros espetáculos com o Treku, esse homem extraordinário que tanto deu à LAHSA.

Infelizmente, já falecido, deixou Escola na área do bailado em Portugal. Entretanto, Treku teve um problema de coração muito grave, foi tratado

aqui no Hospital de Santo António, mas precisou fazer um transplante. Tudo correu bem e, brincalhão como era, dizia que, a partir de então, já não tinha um coração de artista tinha, sim, coração de um polícia. Ainda viveu muitos anos com o coração do polícia, tendo continuado a dar aulas na Academia de bailado. Era muito amigo da Liga. Inclusivamente, nos 25 anos da Liga, enquanto professor da Academia de Bailado promoveu um espetáculo no Rivoli, com casa cheia, a favor da Liga. Mais tarde, fez-se ainda outro espetáculo no Teatro S. João. Também com casa cheia. Ficou-me na memória o gesto do Dr. Rocha Melo ter subido ao palco, na qualidade de Presidente da Liga e agradecer publicamente a presença de todos, tanto de Treku e seus bailarinos, como do público que dessa forma ajudava também a Liga. Tudo isso mostra a amizade que ele tinha à LAHSA. No total, a Liga deve-lhe a colaboração em 5 espetáculos a favor dos nossos doentes. Bem-haja, Treku!

Cumpridos que foram os 2 mandatos consecutivos, de acordo com os Estatutos da Liga, o Sr. Dr. Rocha Melo teve de abandonar a Presidência, tal como tinha sucedido com o Dr. Roseira.

Entrou então o Sr. Dr. Paulo Mendo, uma pessoa com uma dignidade extraordinária que cumpriu também 2 mandatos consecutivos. Foram todos diferentes, mas todos com a mesma grandeza e a mesma dedicação. As atividades, já bem estruturadas, cumpriram-se da mesma forma. Além disso, introduziu-se a venda de Natal que, atualmente, é das atividades mais importantes para angariação de fundos, juntamente com o peditório público. Este peditório de rua efetua-se anualmente e é uma atividade que se insere na “Semana do Hospital”, uma herança do dinamismo do Dr. Roseira, que nessa

época visitava os voluntários que andavam a pedir na rua, trocava com eles algumas palavras de cumprimento e agradecimento. Ele era interessantíssimo, também fui com ele a vários rádios divulgar a Liga, a sua obra e a necessidade de voluntários e donativos. Era interessado, dinâmico, corria-lhe no sangue essa enorme capacidade de iniciativa. Os outros Presidentes foram também dinâmicos e interessados, mas o Dr. Roseira tinha uma força especial.

O Presidente seguinte foi o Sr. Dr. Benvindo Justiça. À primeira vista parece uma pessoa fechada por não ser muito comunicativo, mas tem um grande coração. No princípio eu achava-o uma pessoa distante, mas depois apercebi-me que é muito próximo. Era muito frontal, mas muito comprometido com a causa.

Atualmente, o Presidente da Direção da Liga é o Sr. Dr. Manuel Campos, sendo o Sr. Dr. Paulo Mendo Presidente da Assembleia Geral.

Como felizmente, ambos estão vivos, eles próprios contarão a sua própria história sobre o que fizeram na Liga.



Em jeito de adenda: contactos internacionais

Na década de 80 e nos primeiros anos do meu Voluntariado na Liga assistiu-se a uma grande expansão da ideia do Voluntariado em Portugal, acompanhando o que se passava nos países mais desenvolvidos (Europa e América do Norte).

97

Assim em 1987 participei como voluntária da Liga, no Congresso Europeu do Voluntariado em Lisboa, promovido pela AVE Association pour le Volontariat en Europe.

Em 1988 elementos da Direção da Liga e voluntárias estiveram presentes no Congresso Internacional do Voluntariado (IAVE), em Washington. Aqui podemos ver a força que tinha a ideia do Voluntariado nos tempos modernos e o interesse por esta causa de tantas nações envolvidas.

O Voluntariado navegava já em velocidade de cruzeiro.

Em 1990, em Paris, assinou-se a Declaração Universal do Voluntariado que foi revista em 2001, na Conferência Mundial de Voluntariado em Amsterdam, onde teve início o Ano Internacional do Voluntariado, decretado pelas Nações Unidas.

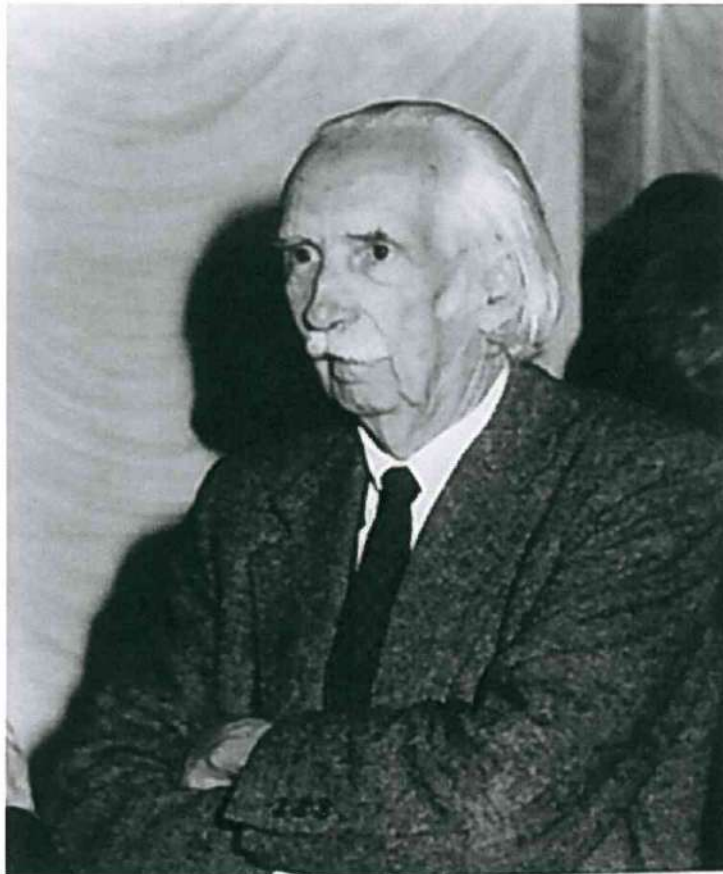
Em 2004 realizou-se a 18ª Conferência Mundial de Voluntariado, em Barcelona.

Em todas estas conferências a Liga esteve presente.

Recentemente tem havido a preocupação de acompanhar os desenvolvimentos do trabalho voluntário em todos os setores da vida social, especialmente o da saúde participando em variados encontros de Ligas de todo o país.

**Dr. António
Nogueira
Rocha
Melo**

(1923-2007)



“As pessoas sem memória morrem de frio...”
Dr. António da Rocha Melo

Não é obra fácil desenhar o perfil de uma personalidade de exceção como era o Dr. Rocha Melo. Essencialmente, por duas ordens de razões: por um lado porque toda a informação provém de fontes já tornadas públicas, as quais são, infelizmente, apenas uma pequeníssima parte da sua memória; por outro, não havendo acesso à narrativa direta proveniente da interação dialogada, é impossível compreender o porquê e conhecer o depois...

“Era um homem bom que fazia o bem não olhando a quem”, dele diz Castro Ribeiro, médico amigo do Mestre (assim era referido o Dr. Corino de Andrade) e chefe do serviço de Neurologia do Hospital de Santo António, onde ambos trabalharam.

Na verdade, este aforismo está patente de forma mais ou menos explícita, em todos os relatos lidos e ouvidos. Então, era mesmo um homem bom, sem sombra de dúvidas.

Era uma pessoa muito afável, inteligente e culta, para além do seu empenhado civismo, manifesto nas causas sociais e públicas que defendia. Do ponto de vista político, era um democrata e um liberal, por alinhamento cívico. Estas características fazem parte de uma memória coletiva que assim o define como PESSOA.

Faz dez anos no dia 30 de Abril de 2017, que faleceu na cidade do Porto o Dr. António Nogueira Rocha Melo, Neurocirurgião do quadro médico do Hospital de Santo António.

Nascido a 11 de Dezembro de 1923 na Casa da Tulha, Novelas, concelho de Penafiel, foi o sexto dos oito filhos de José da Rocha Melo e de Ana Nogueira da Rocha Melo. Aí era designado com toda a deferência como o “Mestre Neurocirurgião Doutor Rocha Melo”.

Vivia no Porto, na Rua de Júlio Dinis e passava férias em Moledo. Gostava de automóveis, vestia casacos de tweed e usava um boné inglês. O chá era a sua bebida de eleição.

Em sinal de respeitoso orgulho, após o seu desaparecimento físico, Penafiel batizou uma nova Avenida, atribuindo-lhe o seu nome, expressão de uma prática simbólica de identificação coletiva e de memória perpetuada. Quando atribuída aos filhos da terra, é apenas aos notáveis. É, por isso, uma manifestação explícita de quem não quer que o “nosso” próprio valor *morra de frio*.

O percurso profissional

Percurso académico - prémios de excelência

103

Licenciou-se em Medicina e Cirurgia em 1953, na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Ao longo do seu percurso de estudante universitário distinguiu-se pelo nível de excelência da sua aprendizagem. Foram-lhe, por isso, atribuídos 5 prémios: *Dr. Tito Fontes* pela melhor classificação na disciplina de Medicina, no 5º ano; o prémio *Prof. Lopes Martins* pelo excelente desempenho na área da Epidemiologia; o prémio *Roentge-Curie* pela excelência dos resultados adquiridos em Radiologia e Imagem Médica; foi ainda premiado pelo elevado conhecimento que manifestou ter adquirido nas disciplinas de *Medicina Legal e de Psiquiatria* e de *Medicina Operatória*.

Licenciou-se com a classificação final de 17 valores.

Percurso profissional: a tomada de decisão

Foi com o grande mestre Corino de Andrade, fundador do serviço de Neurologia, que começou a exercer a sua profissão no Hospital de Santo António, em 1954.

Era necessário ao Serviço que a sua especialização se focasse no âmbito da neurociência. A Escola médica de Edimburgo era reconhecida mundialmente por ser um centro de excelência, com tradição na qualidade da formação em várias áreas, nomeadamente nos estudos do cérebro e da neurociência.

Vários cientistas laureados com o Prémio Nobel por ali passaram, dando o seu contributo no domínio da investigação e da prática cirúrgica nesta especialidade científica. Apoiado pelo Professor Corino, optou pelo ramo cirúrgico da neurologia e frequentou o *Department of Neurological Surgery* em Edimburgo.

Em 1955, mediante o apoio financeiro do *British Council* e da *Santa Casa da Misericórdia do Porto*, partiu em direção a Edimburgo disposto a enfrentar o desafio. Foi também nesse ano que casou com Helena Larcher Graça, engenheira silvicultora, que obteve também uma bolsa para aprofundar os seus estudos em Edimburgo. E assim deram início a uma vida em conjunto, que se prolongou em união e harmonia até ao fim.

Entre 1955 e 1957 trabalhou no *Department of Neurological Surgery* como membro do *British National Health Service*, sendo responsável pelas demonstrações teórico-práticas de neurocirurgia do Curso de Pré-Graduação da *Edinburgh University Medical School*, sob a orientação dos conceituados Professores Norman Dott e John Gillingham, a quem ficou ligado não só por laços de natureza profissional, mas também de amizade mútua.

Tornou-se mais tarde amigo de Jeff Macabe, proeminente neurocirurgião do *Meadsley Hospital* (Londres) e teve oportunidade de visitar vários centros de investigação neste ramo em Gotemburgo, Estocolmo e Copenhaga.

Especializou-se em Neurocirurgia em Edimburgo e foram os conhecimentos adquiridos neste Hospital Universitário que ele carrou para a sua actividade

profissional no Porto. Este centro era considerado “a melhor escola de Neurocirurgia da Europa”, afirmou em entrevista o Dr. Paulo Mendo (ex-ministro da Saúde e colega do Dr. Rocha e Melo no Hospital de Santo António). “Era uma pessoa muito afável, inteligente e culta”, acrescenta Paulo Mendo, realçando a sua faceta “cívica”, reveladora de um cidadão sempre empenhado em causas sociais e públicas. Do ponto de vista político, “foi sempre um democrata e um liberal”.

Regressado que foi ao Hospital de Santo António como especialista e investigador, ficará na História da Medicina como o primeiro neurocirurgião do Porto e um dos primeiros do País. Foi responsável, simultaneamente, pela área de cirurgia do Hospital de S. João e do Hospital de Santo António.

Consta dos anais da História da Medicina, que a 13 de Janeiro de 1960 efetuou a primeira operação de Neurocirurgia no Norte do País, no Hospital de S. João. O seu Hospital continuava a ser, todavia, o Hospital de Santo António. Por isso, a ele regressou.

Finalmente podia o Dr. Corino entregar-lhe confiadamente as cirurgias do seu serviço, porque passara a ter na sua equipa um neurocirurgião preparado no centro neurocirúrgico considerado, na época, como o melhor da Europa.

Continuou a manter frequentes contactos com os mestres de Edimburgo e Londres, na permanente procura da atualização que uma nova ciência requer. Estudioso, sempre em busca do auge, amante das artes, culto e de espírito aberto, foi um nome prestigiado pelos doentes, pela cidade, pelos colegas, em Portugal e no estrangeiro.

De regresso a Portugal: o primeiro neuro cirurgião do Porto

O seu currículo evidencia o impacto e a projeção que teve no mundo da Neurologia como área de intervenção cirúrgica, assim como a excelência do seu desempenho. Não é, pois, de estranhar a sua rápida e contínua ascensão a cargos de chefia dentro da carreira hospitalar e da carreira universitária. Não se notabilizou apenas como médico e docente, mas também como homem de causas, cujas marcas sociais e humanas ficaram inscritas em várias vertentes, quer na esfera cívica, quer no mundo privado dos seus amigos e da sua muito amada família.

Senão vejamos:

Foi nomeado assistente do Serviço de Medicina Operatória da FMUP (1958-1960) e membro da Sociedade Médica e da Ordem dos Médicos.

Foi contratado como assistente de Neurologia da Faculdade de Medicina, como 1.º Assistente de Neurocirurgia do Serviço de Neurologia do H. G. de Santo António (1964) e responsável pela Neurocirurgia do H. de S. João (1960-1963). Em 1962 foi eleito vice-presidente da Sociedade Luso-Espanhola de Neurocirurgia.

Nos anos 70, foi nomeado chefe do Serviço de Neurologia do Hospital Geral de Santo António e foi consultor do Hospital Militar do Porto durante 18 anos.

Em 1972 foi convidado pelo Departamento da Marinha dos E.U.A., para participar na investigação no domínio da neurocirurgia e da neurofisiologia.

Em 1973 focou-se no tipo de socorros e de cuidados imediatos a prestar em traumatizados em local de acidente e no transporte dos mesmos para os respetivos hospitais.

Em 1978 foi diretor do Serviço de Neurocirurgia e, em 1979, Diretor do Departamento de Doenças Neurológicas do Hospital Geral de Santo António.

Em 1987 foi eleito Presidente da Liga dos Amigos do Hospital de Santo António, que dirigiu durante dois mandatos.

Regeu a disciplina de Neurocirurgia no ICBAS/Hospital de Santo António desde 1980 a 1993, ano em que se jubilou, por limite de idade. Apesar disso, continuou a participar em congressos e visitas de estudo e a integrar júris de exame.

Escreveu algumas publicações e proferiu várias comunicações em Portugal e no estrangeiro.

O Dr. Rocha Melo foi ainda membro das sociedades portuguesas de Neurocirurgia, Neurologia e Psiquiatria, Cuidados Intensivos, Ortopedia e Traumatologia, Transplantação e ainda da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa.

Foi também membro das Associações Europeias *Society of British Neurological Surgeons*, *International Medical Society of Paraplegie*, *Nordish Neurokirurgish Forening*, *Società Neurochirurgica Italiana*, *Société de*

108 *Neurocirurgie de Langue Française*, da *European Association of Neurosurgical Societies* e ainda da *American Association of Neurosurgical Societies*.

Integrou o comité europeu para o ensino de Neurocirurgia da *European Association of Neurosurgical Societies* (E.A.N.S., 1987), foi responsável pela organização do curso anual dessa associação (Porto, 1986) e organizou também o encontro da *International Conference on Recent Advances in Neurotraumatology* (Espinho, 1990).

Foi delegado de Portugal na *European Association of Neurosurgical Societies* e membro da Comissão de Ética e Deontologia Médica da Ordem dos Médicos (1992).

O homem civicamente implicado

Cientista de formação humanística foi um amante das artes, das causas cívicas, da universalidade dos direitos democráticos, da sua terra natal, dos seus muitos amigos. Aqui se inclui uma pequena resenha descritiva:

109

Em 27 de Outubro de 2013, no blog “novartecine013” é apresentada a cópia de um documento elaborado em 1970 e intitulado “Membros da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos” em que o Dr. Rocha Melo aparece em 9º lugar numa lista de 64 pessoas de coragem que, em tão conturbado período, pugnaram pela absolvição de mais de 400 presos políticos.

Em 1974 fez parte da Assembleia Municipal de Penafiel. Em 1981 foi designado para integrar o Conselho Técnico Superior do Instituto Nacional de Emergência Médica.

Em 1988 foi nomeado pelo Bispo de Leiria para a Comissão Médica Nacional de Fátima.

Presidiu à Associação de Amigos do Museu de Penafiel e foi membro da sua administração entre 1989 e 1997.

Fez parte da Associação de Amigos de Moledo e da Associação de Amigos do Museu do Douro.

Foi membro da S E D E S, uma das mais antigas associações cívicas portuguesas, que emergiu nos anos 70 e congregava cidadãos oriundos de diferentes estratos sociais e profissionais. Encontravam-se, todavia, unidos pela mesma visão relativamente à ação política – o respeito pela tríade de valores ideológicos progressistas – humanismo, desenvolvimento sociocultural e democracia.

Participou no MUD Juvenil e na campanha eleitoral do General Norton de Matos. Foi vice-presidente da Fundação de Serralves (1991-1997), da Cooperativa Árvore, do Fórum Justiça e Liberdade.

Fez parte da Comissão Médica Nacional de Fátima.

António Rocha Melo presidiu à Liga dos Amigos do Hospital Geral de Santo António entre 1988 e 1992, tornando-se, depois, seu sócio honorário.

Em 1993 recebeu o grau de *Grande-Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada*.

Em 1996 foi agraciado pela Câmara de Penafiel com a atribuição da *Medalha de Ouro da Cidade*.

O seu último ato “público”, ao qual já não assistiu por se encontrar doente, foi ter sido distinguido no dia 25 de Abril com a *Medalha Municipal de Mérito/Grau Ouro*, atribuída pela Câmara do Porto.

Numa segunda-feira à tarde, em Abril de 2007, António Rocha Melo faleceu no Hospital de Pedro Hispano, em Matosinhos. Foi uma figura que deixou profunda marca no Porto e em Penafiel, tanto pela sua atividade profissional de médico, como pelo seu envolvimento permanente em causas cívicas e culturais.

O seu falecimento levou à aprovação de votos de pesar, propostos pelo Presidente da Câmara de Penafiel e por Manuel Alegre, em nome da Assembleia da República.

Em 2008, e em sua homenagem, foi publicada a obra *António Rocha Melo – O Médico, o Homem, o Amigo*, por iniciativa dos seus antigos colaboradores e amigos e apoiada pela Sociedade Portuguesa de Neurologia.

Em 10 de Novembro de 2016, Graça Morais, reconhecida pintora que foi também uma admiradora do valor de António Rocha Melo, a quem conhecia de há muito, por ambos frequentarem o mundo das artes, inaugurou em sua homenagem, no Museu Municipal de Penafiel, uma exposição de pintura intitulada “Fuga do Caos e do Abismo”. Na abertura da exposição afirmou Graça Morais “A minha exposição homenageia um homem com grande sentido de humanidade e generosidade”. Referia-se a António de Rocha Melo que tinha sido também seu médico pessoal durante muitos e muitos anos.

Será para todos os seus amigos, sempre, uma saudade, uma admiração pela sua intuição clínica excepcional, pela sua forma suave e leve de operar, pela sua abertura e pelo estímulo ao progresso dos mais jovens, pelo jeito de dizer “se eu não estiver vão começando”, que significava “façam vocês que eu sei que já são capazes”.

Presidente da LAHSA

112

“As lições do dia a dia na direção da Liga”

É com este título que o Dr Rocha Melo faz um balanço positivo do trabalho que efetuou na Direção da Liga e sobre ela tece algumas considerações em torno de dois princípios que considera fundamentais a) **a solidariedade** e b) **a humanização**.

A **solidariedade** é indispensável numa época em que existem problemas sociais amplos e, em que abunda a condição social dos menos válidos – as crianças, os velhos, os reformados.

Considera também a **humanização** dos Hospitais como um foco a necessitar de atenção, essencialmente por parte dos profissionais da saúde. Confessa que ele próprio só compreendeu o trabalho que a Liga fazia depois de ter assumido a sua Direção. Um quotidiano profissional intenso e exigente dificultava o seu entrosamento com as atividades prestadas por uma instituição assistencial.

Entendeu melhor a importância da solidariedade institucional quando viveu dois fenómenos bem marcantes. O incêndio do Hospital e o desastre de Custóias. A necessidade de suprir as falhas do Estado fez ressaltar as vantagens dos apoios voluntários para a resolução dos graves problemas que decorreram desses dois gravíssimos incidentes.

No caso do incêndio do hospital, a participação cidadã foi absolutamente indispensável. Desde a angariação de fundos para a construção do bloco operatório, ao seu equipamento, tudo isso foi feito pelo mecenato e não pelo Estado.

Considera que eventualmente pode haver atritos entre o pessoal da área da saúde e o Voluntariado provavelmente por uma falta de esclarecimento, mas também acredita que esses problemas se encontram hoje maioritariamente resolvidos. Acha importante que se definam papéis e se respeitem as regras específicas dos domínios de ação das duas instituições para que não estejam de costas voltadas, mas a trabalhar em sintonia para o mesmo fim – o bem-estar do doente.

Remata o seu pensamento afirmando que a Comunidade não se pode alhear da Saúde e as Ligas são a expressão desse compromisso mútuo.

E, cumpridos os dois mandatos por parte do Dr Rocha Melo, o testemunho foi novamente passado para o Dr. Roseira.

In memoriam

Na revista *Comunidade e Saúde*, comemorativa dos 30 Anos da LAHSA, o Dr Paulo Mendo dedicou-lhe um texto de despedida, uma prosa elegíaca saudosamente sentida e intitulada “Dr. Rocha Melo”.

Aí deixou escrito: “é esta a imortalidade possível que Rocha Melo conquistou e que vai estar viva enquanto um de nós...viver e se lembrar” (p. 12).

Do artigo em referência, gostaríamos ainda de transcrever outro breve trecho, referente à ação do Dr Rocha Melo enquanto Presidente da Liga.

Quando o Dr Luís Roseira, por decisão eleitoral retornou à Presidência da Liga, “encontrou a *sua* Liga mais estruturada, mais indispensável, com um núcleo de Voluntariado mais numeroso e mais eficiente. O Dr. Rocha Melo tinha sabido, com suavidade e delicadeza, partilhar as responsabilidades de direção com excelentes personalidades que chamou à sua equipa, continuar a política e orientação que o Dr. Luís Roseira vinha desenvolvendo desde a criação da Liga, reforçar os laços de colaboração com a direção do Hospital e centrar a ação da Liga no prestígio e eficiência do seu Núcleo de Voluntariado. Foi este, o amigo que perdemos, o neurocirurgião que o Hospital recorda, o Presidente que a Liga não esquecerá.” (p. 13)

Histórias contadas

Haverá muitas histórias associadas ao quotidiano de um médico com uma vida profissional e social tão preenchida como a deste médico-cidadão-amigo. Todavia, o tempo disponível não me facilitou a tarefa, mas encontrei algumas.

115

A primeira é um excerto de uma sua intervenção pública em Homenagem ao Professor Egas Moniz.

História 1 “Quando lá chegares fala em mim e nele”

“Estou numa situação muito particular pois já lá vão 40 anos desde que comecei as lides neurológicas. De meus anteriores tempos de estudante, recordo a data de Abril de 1950. Com oito colegas, participei então, num grupo de estudantes que foi cumprimentar o Prof. Egas Moniz por ele ter obtido o Prémio Nobel. Foi meu primeiro contacto com esse personagem que considero genial. Nunca mais esquecerei a extrema gentileza com que nos recebeu. Abriu-nos as portas de sua casa que nos quis mostrar. Disse-nos então uma frase, também para mim, inesquecível. *Que as minhas flores se curvem perante a vossa juventude.*

Fui realmente marcado por este facto e pelas suas palavras. Imaginem quanto tempo já lá vai! Entretanto, não irei contar, naturalmente, como me interessei por uma especialidade médica na qual ele teve excepcional influência. Direi apenas que, passados poucos anos, tive a sorte de obter uma bolsa de estudo para frequentar neurologia em Edimburgo. Tentei em

vão contactá-lo. Mas o Prof. Almeida Lima disse-me: *Quando lá chegares, fala em mim e nele*. Proceedi em conformidade a seu conselho.

Contei em Edinburgo, o episódio acima referido dos meus tempos de estudante. Valeu-me isso caloroso acolhimento por parte do Professor Dott.”

António Rocha Melo (2001) – *Egas Moniz na Neurologia e na Neurocirurgia*, p.5. In “Homenagem a Egas Moniz”. Porto: Fundação de Serralves

História 2

As histórias seguintes foram narradas pelo Doutor Manuel Laranjeira, numa cerimónia pública promovida pela Câmara de Penafiel, em homenagem póstuma ao Dr. António Rocha Melo. Houve discursos, música, histórias várias.

Na impossibilidade de se contarem todas, seleccionaram-se duas por revelarem um conhecimento profundo e sagaz do comportamento humano e não se confinarem ao domínio específico da medicina.

Depois de algumas palavras de afeto, de onde se destaca o termo *gratidão*, o Dr. Manuel Laranjeira contou as preciosidades que se seguem, em jeito de histórias, na Sessão de Homenagem ao médico ilustre. São estas e outras memórias que nos fazem entender melhor a sagacidade, o conhecimento, a qualidade da prática cirúrgica, em suma, a essência da pessoa invulgar que foi o Professor Rocha Melo.

1 - Há tempos evadiu-se um preso de uma cadeia de Lisboa. Afastou-se em direção ao Norte e simulou um acidente na ponte da Arrábida. Por malas artes foi parar ao serviço de traumatologia crânio-encefálica, dirigido por Rocha Melo. A história da fuga tinha sido relatada nos jornais e o Rocha Melo, sempre muito atento, sabia do caso.

Entretanto, o “doente” simulou uma paralisia total do corpo – uma tetraplegia. Não mexia as mãos, não mexia os pés, nada! Estava ali quietinho. Entretanto, as enfermeiras começaram a notar que aquele homem, tão jovem, não manifestava qualquer queixa ou sinal de sofrimento, pelo contrário, mostrava algum prazer quando lhe davam de comer, ou lhe davam banho. O quadro real não encaixava com o dito caso clínico. Nem sequer tinha visitas de família!... Humm!...

Conversámos sobre esta situação com o Dr. Rocha Melo, que nos indicou a seguinte terapêutica: - Hoje vão tirar-lhe a algália, colocam-lhe o urinol ao lado da cama, não explicam nada, e vamos ver o que acontece! Na manhã seguinte, espanto dos espantos, o urinol estava cheio, sem a ajuda de ninguém! Parecia uma cena saída de uma história da Agatha Christie!...

Chamou-se o Dr. Rocha Melo – Estão a ver? Chamar a polícia! Assim se fez e ele lá voltou para a prisão.

Este caso ilustra bem a sagacidade clínica e a experiência de vida que o Dr. Rocha Melo tinha...

História 3

Era eu ainda muito novo, estava no início da especialidade quando isto aconteceu. Apareceu-me na consulta uma doente com queixas de dores de cabeça. Mandei-lhe fazer um Raio X e... espanto dos espantos!... vejo uma agulha normal, de cozer roupa, no meio da cabeça. Não sabia o que havia de fazer e fui falar com o Dr Rocha Melo. Expus-lhe o caso e perguntei:

- O que é que...

- Eh pá, você não sabe o que isso é? Isso era um processo antigo de as pessoas às ocultas matarem os filhos ilegítimos. Essa senhora era uma filha ilegítima de uma personalidade importante de uma aldeia de Trás-os-Montes e houve uma tentativa da família do pai para a matar. Que faziam nestes casos? Introduziam uma agulha pela fontanela, a chamada moleirinha. A agulha atravessava a veia de sangue venoso e o sangue ia babando e matando a criança durante o sono. Penso que muitas crianças foram assim mortas. Era um processo de infanticídio que se utilizava secretamente na nossa cultura. Fiquei pasmado! Até isto ele sabia! E que fazer então à senhora? - Nada.

Continuou a viver com a agulha e certamente com ódio por aqueles que a tentaram matar.

Reflexão final

119

A neurocirurgia, para o Dr. Rocha Melo, era uma grande paixão. Testemunhei essa paixão muitas vezes. Mesmo na fase final da vida dele, era frequente tirar a roupa e equipar-se para ir ter comigo ao bloco, quando eu operava. Esperava que terminasse e íamos muitas vezes jantar e continuávamos em grandes conversas, pela noite dentro, até às duas ou três da manhã. Contava muitos casos da sua vida profissional, da neurocirurgia, dos problemas que o preocupavam, da sua maneira de ver o mundo.

Hoje podemos dizer que o Dr. Rocha Melo viveu uma vida cheia, porque sempre se dedicou à Vida e aos Outros. O seu mundo eram os seus doentes e os seus amigos. Mais do que por desejo, ele precisava muito de ter amigos à sua volta. Por isso, a sua casa era sempre uma casa aberta, com o chá e com os amigos que o adoravam. Tinha um enorme círculo de amigos, cuja amizade sabia preservar e que, por seu lado, o amavam também.

Dou comigo por vezes a pensar que, se o Dr Rocha Melo hoje reincarnasse, seria num corpo de criança, junto ao mar, a brincar com seixos e, de entre o amontoado deles, saberia escolher o mais bonito. O Dr. Rocha Melo sempre se deslumbrou com o Belo. Acho que a beleza lhe trazia um pouco de recolhimento e satisfação, um contraponto de equilíbrio ao sofrimento que sentia, pondo-se permanentemente no papel dos doentes que acompanhava. Ele não tratava doenças, tratava doentes. E acho que era esse recolhimento que ele procurava nos artistas com quem convivia e nas obras de arte que produziam e através das quais eles próprios se manifestavam. Sendo ele um homem com uma sensibilidade invulgar, penso que o seu contacto com a Arte foi, principalmente, uma forma de ultrapassar o seu próprio sofrimento.

120 Ainda hoje o recorde assim, porque a saudade que me deixou, é uma saudade boa, é a saudade de um homem que viveu uma vida cheia. E ao contar estas histórias, ao recordá-lo, o Dr. Rocha Melo vai continuar a viver comigo.

É esse o papel das histórias: a perpetuação da vida vivida pelos Outros na nossa própria vida.

Investigação e composição: Lidia Máximo-Esteves.

Fontes bibliográficas

António Rocha Melo: O Médico, O Homem, O Amigo (2008). Modo de Ler, Editores e Livreiros, Lda. 121

Obituary, British Journal of Neurosurgery (2007) August 21(4): 419–420.

Mendo, Paulo (2007). "Dr. Rocha Melo" in *Comunidade e Saúde*. 30 Anos da Liga dos Amigos do Hospital de Santo António.

<https://sigarra.up.pt>

U.Porto>Memórias U. Porto>Antigos Estudantes Ilustres.

Universidade Digital/Gestão de Informação, (2014).Jornal O Público: 03/05/2007 "Morreu António Rocha Melo neurocirurgião e homem de causas cívicas".

Melo, António Rocha: Egas Moniz na Neurologia e na Neurocirurgia.

<http://novelartecine013.blogspot.pt> 27 de Abril de 2013

Lembrar António Nogueira da Rocha Melo – Neurocirurgião (https://www.youtube.com/watch?v=bToiPH_ai4I)

**Maria
Isabel
Santos
Silva**

(Beluca)



Ao serviço dos outros

Vamos começar pelo princípio. Sempre gostei de fazer Voluntariado. Pratiquei esta atividade social desde muito cedo, ainda nos bancos dos primeiros anos de frequência do Colégio. Fazia parte de uma Associação, cujos objetivos fundamentais, desde a época da sua fundação, assentavam numa lógica interativa de solidariedade social – dar e receber. Estou a falar da Conferência de S. Vicente de Paula, cuja tradição foi sempre a prestação de serviços de subsistência básicos, no meu caso, junto dos bairros pobres que existiam próximo do Colégio. Distribuíamos, ciclicamente, roupa e alimentos a quem deles necessitava.

125

Implícita nesta prática subjazia o sentido das trocas sociais que procuram equilibrar sistemas assimétricos. Por um lado, distribuíamos alimentação e vestuário aos mais desfavorecidos, em prol da sua dignidade enquanto pessoas. Por outro lado, recebíamos uma lição de vida, tomando consciência, pela observação direta, das assimetrias sociais existentes à nossa volta. Não íamos apenas dar, íamos também receber, através deste “choque da realidade”, a possibilidade de conhecer outras vidas, outros mundos povoados pela diferença.

Terminado o Liceu, suspendi durante algum tempo o meu apoio ao Voluntariado organizado. Casei, entretanto, e tive filhas. Fiquei em casa a ajudá-las e a vê-las crescer, ia dando algumas aulas avulsas, mas decidi enveredar em exclusividade, pelo apoio familiar. Quando a minha filha mais nova já tinha oito anos, decidi que era a altura de exercer uma profissão.

A entrada para a Liga

126

Desde o início, trabalhei sempre a tempo inteiro, pelo que tinha pouco tempo de sobra, o qual aproveitava para me dedicar à família. Entretanto, já tinha sido sondada por um irmão meu para colaborar com a Liga de alguma forma, uma vez que se gerara um movimento de solidariedade na cidade a favor do Hospital de Santo António, após o brutal incêndio nele ocorrido que, no fundo, foi o motor de arranque para a criação da Liga.

Hesitei, pelos muitos afazeres familiares e profissionais que me deixavam pouquíssimo tempo livre. Até que um dia me cruzei na rua com o Dr. Rocha Melo amigo nosso de longa data e pessoa que eu muito respeitava. Contou-me o que se fazia no Voluntariado do Hospital e disse-me entusiasticamente que eu tinha que fazer parte da Direção da Liga. Tratava-se de uma pessoa por quem tinha um enorme respeito, tal como tinha também pelo trabalho realizado pelo Dr. Roseira, do qual não posso dizer mais, nem melhor, pelo trabalho extraordinário que ele tivera, e continuava a ter, relativamente à Liga.

Fiquei a pensar neste convite e acabei por aceder, embora com algumas condições. Por imperativos profissionais, não poderia ser uma voluntária com horário definido, nem com serviço de rotina fixa. Trabalhava 8 horas por dia, tinha marido e três filhas, era de todo impossível realizar uma tarefa com horário estruturado. O Dr. Rocha Melo aceitou as minhas razões e colocou-me na Direção.

Contribuição empenhada: angariação de fundos

Na verdade, foi esse um período espantoso, era necessário angariar fundos para a Liga e mobilizar a cidade. O Dr. Roseira tinha um dinamismo imparável, apoiava-nos permanentemente, assim como o Dr. Rocha Melo, que tinha inúmeros contactos, de modo que, para qualquer pedido, havia sempre um sim.

127

O meu contributo esteve mais ligado à angariação de fundos através da organização de eventos, através da angariação de objetos para a venda de Natal, através da colaboração empenhada no Peditório, nos quais eu participava nas horas e dias em que tinha disponibilidade, e mais tarde, colaborando na “Semana do Hospital”, embora a participação fosse sempre em “part-time”.

Organização de eventos a favor da Liga

128 Colaborei em muitas ações realizadas com o intuito de angariar fundos que permitissem apoiar as necessidades do Hospital e dos doentes.

Por exemplo, recordo-me de ter colaborado ativamente na organização de um espetáculo musical no S. João, em que se conseguiu, não só, que os músicos atuassem gratuitamente, como conseguimos também que o escultor e designer João Machado nos fizesse, *pro bono*, uns cartazes alusivos a esse espetáculo. Foi um sucesso. O Teatro S. João estava completamente cheio.

Recordo-me de um outro evento, muitíssimo interessante, organizado pela Ju Távora, uma figura por demais conhecida no Porto, que constou de uma passagem de vestidos antigos no Meridien, também com casa cheia.

Há já alguns anos colaborei com a Dr^a Isabel na organização do “Passeio anual de voluntários”, tarefa que ela desempenha exemplarmente desde que me lembro. Sugeriu Felgueiras, que conheço muito bem. Delineámos o itinerário em conjunto e, não havendo restaurantes por ali, combinámos que a confraternização seria em minha casa. Foi uma tarde de convívio muito, muito interessante, uma vez que, por regra, a prestação de serviço voluntário ocorre uma vez por semana e, por isso, a maior parte das voluntárias não se conhece entre si. Foi, assim, possível conhecermo-nos e convivermos em conjunto.

Quando entrei para a Liga, o número de voluntários era pequeno, havia maior proximidade e conhecimento de uns e de outros. Atualmente o número de voluntários é muito maior uma vez que aumentou o nº de serviços que a

Liga presta ao Hospital. Daí, a necessidade de se organizarem sessões de convívio, como por exemplo, o Almoço de Natal, que se efetua anualmente.

Ao longo de todos estes anos, a imaginação e o interconhecimento tiveram que funcionar a 100% para se conseguirem arranjar financiamentos de suporte para custear as enormes despesas que a Liga tem, tão vasta é a tipologia dos serviços que presta.

Recordo-me, por exemplo, da realização de vários eventos nos Casinos da Póvoa e de Espinho, animados por espetáculos que atraíam participantes, como por exemplo, aconteceu com a Kátia Guerreiro. Todo o dinheiro angariado revertia para a Liga.

E havia muitos outros eventos realizados para a angariação de fundos como, por exemplo, um que agora me ocorre e que aconteceu no tempo da Direção do Dr. Rocha Melo. Foi um leilão de vinhos que se efetuou no Palácio da Bolsa. Nessa altura, fazia parte da Direção o Dr. Francisco Alazabal, desempenhando o cargo de Presidente do Conselho Fiscal da Liga. Era produtor de vinhos no Douro, familiar da célebre D. Antónia Ferreira. A ideia deste evento fora sua. Fazia então a Liga 10 anos de existência, e foi este um dos vários atos comemorativos do cumprimento sucedido da primeira década da Liga. Como especialista e conhecedor profundo do ramo vinícola, ele próprio se encarregou de contactar muitas firmas de vinhos do Porto que ofereceram imensas garrafas para esse leilão. Este evento foi tão interessante que até foi relatado na Revista da Liga, então chamada *Comunidade e Saúde* (nº 6). O leiloeiro tinha muita graça e lançava reptos nominais em voz alta a todos aqueles que conhecia, induzindo-os a comprometerem-se na disputa

do “quem dá mais?”. Houve garrafas vendidas na altura, por 100 contos, sem tão pouco se saber nada sobre a qualidade do vinho que estavam a comprar. Foi um evento muito interessante e as pessoas foram de uma generosidade espantosa. Este evento realizou-se no Palácio da Bolsa, em Novembro de 1988. Foi extraordinário, porque se conseguiu criar uma espécie de compromisso coletivo a favor de uma Causa Social, que neste caso era a Liga. Foi a primeira vez que a totalidade de casas exportadoras de vinho do Porto e dos produtores-engarrafadores colaboraram lado a lado num leilão. O resultado foi a extraordinária quantia angariada – 2.438 contos!

Nessa altura, houve também um concerto no Auditório Carlos Alberto. António Pinho Vargas, o grande músico do mundo do Jazz, estudava nessa altura Composição, na Holanda. Aceitou de bom grado deslocar-se, juntamente com o seu sexteto, para dar um espetáculo de beneficência no Porto, quando tal lhe foi pedido. O espetáculo foi organizado pelo Consulado dos Estados Unidos, sediado no Porto.

O Casino de Espinho também nos ofereceu vários espetáculos, por intermédio da Maria Helena Magalhães Carneiro que, aliás, colaborou também na organização de muitos outros eventos como, por exemplo, torneios de golfe. O lucro revertia sempre a favor da Liga.

Ainda há pouco tempo se efetuou outro grande evento na Fundação Cupertino de Miranda organizado pela Dra Irene e pela Dra Mafalda, com a participação do José Cid, que teve uma enorme adesão. Quase não se cabia na sala.

Há que referir também os doentes que, por agradecimento ao Hospital, se tornavam doadores, como foi, por exemplo, o caso do sr. João Macedo Silva da RAR que, por gratidão ao Hospital que lhe proporcionara a cura, se tornou num benemérito, entregando durante uns tempos, 500 contos por ano.

No meu caso, pelas razões já apontadas, a colaboração direta tem sido substituída por um persistente trabalho de retaguarda, sempre com o objetivo de angariar fundos. De vez em quando, junto as minhas amigas em minha casa, explico-lhes a necessidade que a Liga tem do apoio de todos os cidadãos e consigo arrecadar sempre um conjunto muito razoável de objetos para a Venda de Natal.

É verdade que eu tenho muito jeito para pedir para os Outros e, por isso, tenho colaborado também nos Peditórios de rua e, a propósito, gostava de realçar duas observações. A primeira é que, para surpresa de todos, nas zonas economicamente mais desfavorecidas, para onde eu preferencialmente me deslocava, a dádiva era igual ou mais elevada até, do que nas zonas de maior poder económico. E quando as pessoas percebiam que era para o Hospital de Santo António, a generosidade era ainda maior. Muitos diziam que já lá tinham estado internados e que ficariam sempre reconhecidos pelo bom tratamento e acolhimento recebidos.

Gostava ainda de acrescentar que tenho nove netos e tenho procurado inculcar-lhes o respeito e o compromisso pelos princípios morais que regem o conceito de solidariedade. Já participaram em alguns peditórios de rua a favor da Liga, e são estimulados também a colocar uns dinheirinhos de

132 lado destinados a este género de ações. Além disso, tenho dois netos mais velhos, que já fazem Voluntariado a sério. Isto deixa-me bastante orgulhosa.

Não queria terminar sem falar do meu marido e da colaboração que ele também deu à Liga. O Luís¹ que, infelizmente, partiu há cinco meses, desde que entrara numa fase da vida com menor ocupação profissional e, portanto, com mais tempo livre para o desempenho de outras tarefas, disponibilizou-se para fazer também Voluntariado. Sugeriu-se-lhe a Liga e, enquanto teve forças, fez parte dos Corpos Gerentes.

Quanto a mim, enquanto puder, continuarei a servir a Liga o melhor que souber!

¹Luís Teles de Abreu



História de vida

Dr. Paulo Mendo

O homem,
o médico,
o político



Coordenadas de orientação: influência paterna

E assim começa a história de vida do sr. Dr. Paulo Mendo, uma história de conteúdo rico, multifacetado e de transversalidade geográfica. Teve uma vida cheia e intensa de acontecimentos notáveis e calcorreou muito caminho entre geografias diversas.

137

Nasceu em Lisboa, mas ao ouvir-se-lhe a vincada pronúncia do Norte, estranha-se. É realmente de Lisboa, mas é uma coisa mais de papel que de cultura. Contam-lhe, que a sua memória a tanto não chega, pois saiu de lá em direção ao Norte com seis meses de idade. Um acaso da vida, pois toda a restante família é do Norte.

O pai e o avô eram transmontanos, naturais de Mirandela. Mais tarde, havia de passar uma boa parte da sua vida em Lisboa, pelo desempenho de vários cargos políticos, mas nunca perdeu a pronúncia do Norte. O pai licenciou-se no Porto, em Engenharia e, pouco depois de terminar o curso, já casado e com um filho, aceitou uma proposta de emprego numa empresa em Lisboa.

Aí permaneceram, até o pai arranjar emprego no Norte, nas minas de carvão de S. Pedro Da Cova. Sempre haviam sido do Norte e sempre haviam sido liberais. Eram traços de família. Um seu avô, que foi Presidente da Câmara de Mirandela durante vários anos, era um homem muito dinâmico e de espírito aberto.

Os Mendos, a linhagem masculina, eram conhecidos pela sua abertura de espírito e pelo alinhamento republicano. Ao longo da sua vida de estudante, no Porto, o pai manifestou sempre um espírito irreverente, aberto e dinâmico.

Andou pelo associativismo académico, escrevia poesias, peças de teatro, mais tarde foi assistente, professor e sempre pugnou por eleições livres. Deram-lhe cabo da carreira académica. O avô materno era coronel, adepto do Partido Republicano, acabou exilado na Bélgica. Um tio paterno era tenente, participou na Revolução de Fevereiro e o resultado foi o exílio em Angola, de onde regressou passados vários anos. Os seus antepassados eram liberais e defensores de causas em prol da liberdade e dignidade humanas, sem definição partidária.

A infância

A maior parte da sua infância e adolescência foi vivida em S. Pedro da Cova. O pai era engenheiro em S Pedro da Cova, nas tristemente célebres, minas de carvão, responsáveis pelo elevado número de silicoses pulmonares e tuberculosas, que tanto afetavam adultos, jovens e crianças. Ali cresceu no meio daquela gente e conviveu no meio desse sofrimento coletivo.

139

Ali frequentou a escola primária, uma escola pública, onde aprendeu muito com uma professora primária que o marcou positivamente para toda a vida. Conviveu permanentemente com essas crianças, cujos destinos lhes eram traçados à nascença: a descida aos infernos das minas. Por posição estatutária do pai, que exercia uma profissão diferente, foi o único da turma que não teve esse destino.

Jogou futebol com eles no recreio da escola primária, durante os intervalos das aulas. Tirava os sapatos e as meias para jogar no terreiro, em pé de igualdade, porque todos os outros miúdos andavam descalços. As raparigas acompanhavam as mães nas minas desde os três ou quatro anos de idade, fazendo pequenas tarefas de acarretamento e os rapazes começavam a atividade mineira aos catorze, quinze anos. Por isso se dizia por ali, nessa altura, que não era preciso ir para as colónias para se ficar a saber o que era o colonialismo, nem para se saber o que era conviver com a diferenciação social. Ali, a 12 km do Porto, era ainda pior que nas colónias, em África.

A ideologia humanista do pai, orientada para a defesa dos direitos humanos, ficou-lhe inculcada na alma.

De todos os colegas da escola foi o único a continuar os estudos. Foi para o Liceu Alexandre Herculano, havia uma linha de transportes direta entre

S. Pedro da Cova e o Porto. Saía de casa às sete horas da manhã e regressava às seis horas, ao final da tarde.

O pai foi sempre um Republicano convicto, e por isso, após ter feito o doutoramento e iniciado a sua carreira docente na Faculdade de Engenharia do Porto foi, simplesmente, afastado. Aconteceu isto em plena movimentação do MUD (Movimento de Unidade Democrática), quando se recolheram as célebres listas a pedir as eleições democráticas. Ativista que era, foi por tal afastado, como, de resto, muitos outros em idênticas circunstâncias. Habitou-se assim a ser social e politicamente interveniente, em nome, e acima de tudo, dos ideais e valores que englobam o conceito de Liberdade. Liberdade que, no sentido político, tem o nome de Democracia e de Justiça Social.

Este conjunto de fatores ajuda a compreender a sua intensa participação cívica, desde os últimos anos do Liceu e, depois, pela vida fora. Nos finais dos anos 40, entrou para a Universidade. Achava que, nessa época, as Universidades se encontravam estagnadas. Faltava dinamismo inovador. Começou nessa altura a sua movimentação e contestação política. Participou ativamente no que restou do MUD, O MUD Juvenil. O objetivo imediato era a constituição de Associações Académicas, movimento que acabou, algum tempo mais tarde, em levas de prisão, independentemente de terem ou não filiação (ou tendência) partidária. Foram todos julgados, mas no seu caso, foi absolvido.

Compromissos com a vida: de movimento em movimento

Nas andanças em torno da criação das Associações Académicas, em 1950, conheceu a Verónica, que estudava então na Faculdade de Arquitetura e que passou a ser, desde logo, a sua própria vida. Faleceu há dois anos, e viveram até lá uma lua-de-mel de sessenta anos!...

141

Casaram pouco depois. Após a formatura de ambos, ela ingressou no ensino e deu aulas em Gondomar. O então jovem Paulo Mendo conseguiu ultrapassar, sem problemas de maior, um período de turbulência política. Na reta final do ano letivo, ainda foi detido para interrogatório com a intenção de o fazerem perder o ano. Mas não conseguiram. Fez os respetivos exames e passou, até, com boas notas.

Naquela época, a polícia tinha ordens para meter tudo no mesmo saco. Desde que houvesse alguma movimentação juvenil, fosse qual fosse o motivo, era-se logo acusado de comunismo. Era uma estratégia dissuasora utilizada frequentemente, no final do período da Ditadura, para amedrontar a juventude.

Quando foi chamado para cumprir o serviço militar, com o curso quase concluído, teria direito a um posto superior pelo elevado grau académico que possuía. Já depois de ter algum tempo cumprido, chegou ao quartel uma informação do Ministro da Defesa a dizer que não tinha “moral política” para ser oficial, pelo que passaria a “magala”. Ficou assim impedido de se inscrever no curso de oficiais, e lá foi para Lisboa. Atrasou aí um ano.

Nessa altura, mais precisamente, em 1958, ano da Campanha presidencial do General Humberto Delgado, no Porto, decorria em Lisboa um conjunto

de reuniões dirigidas pelo Professor Miller Guerra, das quais saiu um Grupo de Trabalho com o objetivo de elaborar um Relatório sobre as carreiras médicas, procurando criar alguma estabilidade económica e profissional, com tradução na Saúde dos doentes em todo o país. Foram estes os primeiros passos para a posterior criação do Serviço Nacional de Saúde, cujo objetivo era servir os doentes e o país. Participou também nesse movimento, que aconteceu precisamente no ano da sua formatura. Desde sempre, andou envolvido em movimentos de participação cívica.

Terminada a tropa, regressou ao Porto, ainda esteve a trabalhar no Hospital de S. João, mas queria seguir neurologia. Por isso, juntamente com o Dr. Luís de Carvalho e conhecendo a fama do Dr. Corino de Andrade, contactaram-no e ele abriu-lhes as portas. Fez urgências no Hospital de Santo António com o Dr. Mário Leão e desenvolveram a traumatologia de forma extraordinária. Com a guerra colonial à porta, sem garantias profissionais estáveis, ambos decidiram ir ver o que se passava em Marrocos, onde a Escola francesa estava a desenvolver um bom trabalho na área da neurologia.

A decisão possível: ir para Marrocos

Em 1961 começou a Guerra do Ultramar e constou-se que os médicos seriam os primeiros a serem mobilizados sendo, concomitantemente, proibidos de sair do país. Estes acontecimentos foram a pedra de toque para a sua tomada de decisão. Expulso que fora do exército, reduzido à condição de “magala”, com um filho de cinco anos, já com a especialidade de Neurologia começada, decidiram sair do país. Efetuado o processo legal necessário, tirados os documentos obrigatórios, tudo direito, passaportes na mão, foram os três para Marrocos, mais precisamente para Rabat, onde se instalaram.

143

Trabalhou durante dois anos no Hospital de Avicenne e a mulher, a Verónica, em Arqueologia, nas escavações de Chellah, onde existe uma necrópole medieval e um agregado de ruínas da cidade Romana de Santa Colónia, próximo da casa onde viviam. Foi uma decisão que considerou estupenda em termos profissionais e de experiência de vida para toda a família. O Pedro, o filho, fez a instrução primária numa escola francesa, quatro meses depois de lá estar já falava Francês, deu-se bem com os colegas e fez excelentes aprendizagens.

Em 1965 terminou a validade do passaporte. Recusada que foi a sua revalidação e porque não queria viver como refugiado político, foram obrigados a regressar, todavia por razões imperativas e não por vontade própria. Se assim não fosse, talvez lá tivessem ficado, quem sabe? Ficaram afetivamente ligados àquele lugar, a várias famílias e a pessoas que ainda visita e cuja amizade preza. Compraram um andar em Rabat e aí passaram e passa temporadas. Metade das suas memórias de afeto ficaram por lá. Por isso, sempre que pode, revisita-as.

O regresso: Hospital de Santo António e ICBAS

144 Regressado ao Hospital, continuou a construir o seu percurso médico dentro da área que já aqui tinha iniciado e que continuou a exercer em Marrocos: a especialidade de neurocirurgia e neurologia. Por convite do Professor Corino de Andrade, aceitou enveredar pela subespecialidade de Neurorradiologia.

Em 1966 começou a fazer Neurorradiologia a tempo inteiro e tornou-se, mais tarde, no 1º radiologista português. Entretanto, pouco depois, foi abordado por um jovem interno com experiência em radiologia, que queria especializar-se em Neurorradiologia. Ficou a trabalhar com o Dr. Paulo Mendo e em pouco tempo construíram a estrutura burocrática e operacional do novo serviço. Quando começaram a fazer política, o serviço estava já organizado, com capacidade para receber e preparar os internos que, posteriormente, ali se especializaram.

O Dr. Almeida Pinto não só dirigiu e desenvolveu o serviço, como fez todos os concursos hospitalares, enquanto, simultaneamente, progredia também na carreira académica. Foi também, Professor e Diretor de Serviço.

A carreira política: dinamismo e inovação

Após a Revolução de 25 de Abril, o Sr. Dr. Paulo Mendo foi convidado, em 1976, para Secretário de Estado da Saúde do 1º Governo Constitucional, presidido pelo Dr. Mário Soares sendo que, à época, nem a Saúde, nem a Segurança Social tinham Ministério. Eram Secretarias de Estado. Assim sendo, ficou à frente da Secretaria de Estado da Saúde, com funções de Ministro. Criou a Radiologia como especialidade pela Ordem e Hospitalar e, conseqüentemente, o 1º Serviço de Neurroradiologia que, há muito pouco tempo, homenageou, com um Congresso, os 50 anos de existência.

145

Regressado ao Hospital, foi nomeado Diretor do Hospital desde 1986 até 1993. Em 1980 introduziu-se o ensino clínico no ICBAS e foi convidado a dar aí aulas. Porém, pouco depois, em 1981 foi novamente convidado para Secretário de Estado da Saúde, onde esteve até 1983, altura em que retomou o exercício médico e a docência como Professor Convidado no Instituto Abel Salazar (ICBAS). Foi aí Presidente do Conselho Diretivo de 1984 a 1988. Em 1989, foi convidado para aderir ao PSD. Decidiu aceitar, por considerar que era o Partido menos disciplinador e onde havia mais liberdade interna.

Pouco tempo depois, foi Ministro da Saúde no Governo do Professor Cavaco Silva entre 1993 e 1995. Teve um bom Secretário de Estado, era um bom administrador hospitalar, com quem estabeleceu boas relações sociais, tendo inclusivamente ficado bons amigos. Entretanto, comprometera-se com o Professor Cavaco a apresentar-lhe uma proposta de financiamento da Saúde. Assim fez. Por seu lado, o Presidente cumpriu também a sua palavra e as dívidas da Saúde foram pagas. Ambos cumpriram a palavra dada.

146 Entretanto, o Professor Cavaco Silva afirma, em Conselho de Ministros, que não vai recandidatar-se. Perderam-se as eleições e o Ministério Saúde foi entregue à Dr.^a Maria de Belém. Aceitou a maior parte das propostas apresentadas que, todavia, foram recusadas pela maior parte do seu Partido.

O sr. Dr. Paulo Mendo fez parte da VII Legislatura da Assembleia da República, como Deputado, tendo cumprido o seu mandato até 1999, altura em que se reformou.

Ponto de viragem: a LAHSA

147

Em 1976, era Secretário de Estado da Saúde, durante o 1º Governo Constitucional, quando houve um enorme incêndio no Hospital de Santo António, uma coisa terrível. Destruiu 100 camas de Cirurgia, matou três doentes e deixou enormes estragos nessa ala – a ala cirúrgica. Estava nessa altura em Lisboa, foi disso avisado e, no dia seguinte já estava no Porto, para ver e dimensionar os estragos havidos.

Foi acompanhado pelo Dr. Roseira que, nessa altura já era anestesista no seu serviço, juntamente com outras entidades do Hospital e da Imprensa. No grupo dos jornalistas estava um funcionário do Ministério da Saúde que era também jornalista, de seu nome Azulil. Andavam a fazer a visita aos enormíssimos estragos, quando um homem desconhecido, a quem nunca mais viu, os abordou muito sensibilizado pela desgraça que tinha acontecido, dizendo que, por ali ter nascido, ficara sentimentalmente ligado ao Hospital de Santo António. Era construtor civil e propôs-se oferecer gratuitamente um camião de cimento como ajuda para as obras de reconstrução.

Esta história tornou-se quase lendária por ter sido um marco, um ponto de viragem na História do Hospital.

Este facto proporcionou uma conversa com o Dr. Roseira sobre alguns problemas estruturais do Hospital de Santo António que, no período revolucionário pós 25 de Abril, tinha sido nacionalizado. Até então, pertencera à Misericórdia durante dois séculos, tornando-se, nessa altura, numa instituição órfã, tutelada pelo recém-criado Ministério dos Assuntos Sociais, onde ninguém sabia ainda o que era o Hospital de Santo António.

Faltava uma estrutura de poder local que agilizasse a capacidade de decidir sobre um processo tão grave que culminou em perda de vidas e na impossibilidade de funcionamento do bloco operatório, que também havia sido afetado.

Não se podia ficar à mercê de decisões centrais perante um problema que afetava toda a vida de um Hospital e, conseqüentemente, dos doentes que a ele continuavam a acorrer. Andou por ali a mão do Dr. Roseira, e a decisão foi tomada. Era necessário agilizar a criação de uma organização de nível local, com capacidade de agir. No dia seguinte, saiu a notícia no Comércio do Porto, num artigo redigido pelo já referido jornalista Azuil, a relatar tudo isso. O Dr. Roseira tinha uma extraordinária e invulgar vitalidade, além de uma imensa capacidade de entusiasmo e execução.

Sete meses após o início da empreitada a que se dedicara, estava a aprovar os Estatutos da Liga do Hospital de Santo António, graças à sua enorme capacidade de trabalho e às amizades que naturalmente cultivava.

Mexeu mundos e fundos, procurou arranjar todos os apoios possíveis e imaginários, nomeadamente de Mário Soares, seu correligionário nas lides da Fundação do PS e, de quem foi, temporariamente, seu assessor.

Logicamente, foi ele o 1º Presidente da LAHSA e o seu 1º Diretor. O sr. Dr. Paulo Mendo é o sócio nº 1.

Pioneirismo da LAHSA

O sr. Dr. Paulo Mendo colaborou ativamente na criação da Liga, quer apoiando as iniciativas do Dr. Roseira, quer colaborando na elaboração dos respetivos Estatutos. E, ainda, de muitas outras formas. Por exemplo, esta Instituição foi inovadora em Portugal, dado que historicamente, a área social do assistencialismo fora sempre atribuição das Misericórdias. Perdido o tutor, era necessário encontrar resposta para o vazio. E, deste modo, o Hospital de Santo António foi pioneiro e um bom exemplo. Graças à capacidade de trabalho e de organização desenvolvidos pela Liga, tornou-se um exemplo para todo o país. Começou a apadrinhar a criação de novas Ligas pelo país fora. Até há 10 anos atrás, havia cerca de 70 Hospitais que eram afilhados da Liga dos Amigos do Hospital de Santo António (LAHSA).

149

No Ano Internacional do Voluntariado, decidido e comemorado pela ONU em 2001, a Liga recebeu a honrosa visita da Exma. Senhora Dr.^a Rita Sampaio, esposa do Presidente da República Dr. Jorge Sampaio, que se dedicou também a ações de Voluntariado social.

A nossa Instituição foi pioneira no Movimento de Voluntariado em Saúde. Até aí, havia apenas um Voluntariado religioso, associado de há muito às Misericórdias. Passou a haver, a partir de então, um Voluntariado laico, mais Universal no seu âmbito de ação.

No início, após o incêndio, houve um considerável apoio de Mecenas direcionado para reequipar o Hospital. Desde então, tem usufruído do apoio permanente de um corpo de voluntários que o Dr. Paulo Mendo considera excepcional, e têm, em sua opinião, o espírito de servidores do Estado. Não será por acaso, que muitos deles foram professores ou exerceram profissões no serviço público, o que lhes permitiu desenvolver características comportamentais de responsabilidade, cumprimento e disciplina no desempenho das suas tarefas no Voluntariado e lhes confere o perfil carismático de “anjos da guarda” dos doentes hospitalizados.



Reconhecimento institucional

E... uma história com um fim feliz! A excelência do percurso profissional do Dr. Paulo Mendo tem sido publicamente reconhecida pelos prémios institucionais que lhe têm sido atribuídos.

151

Em 2007 foi instituído o Prémio Paulo Mendo pela SPNR (Sociedade Portuguesa de Neurorradiologia) destinada a premiar a melhor Comunicação e o melhor Poster apresentados nos Congressos desta área.

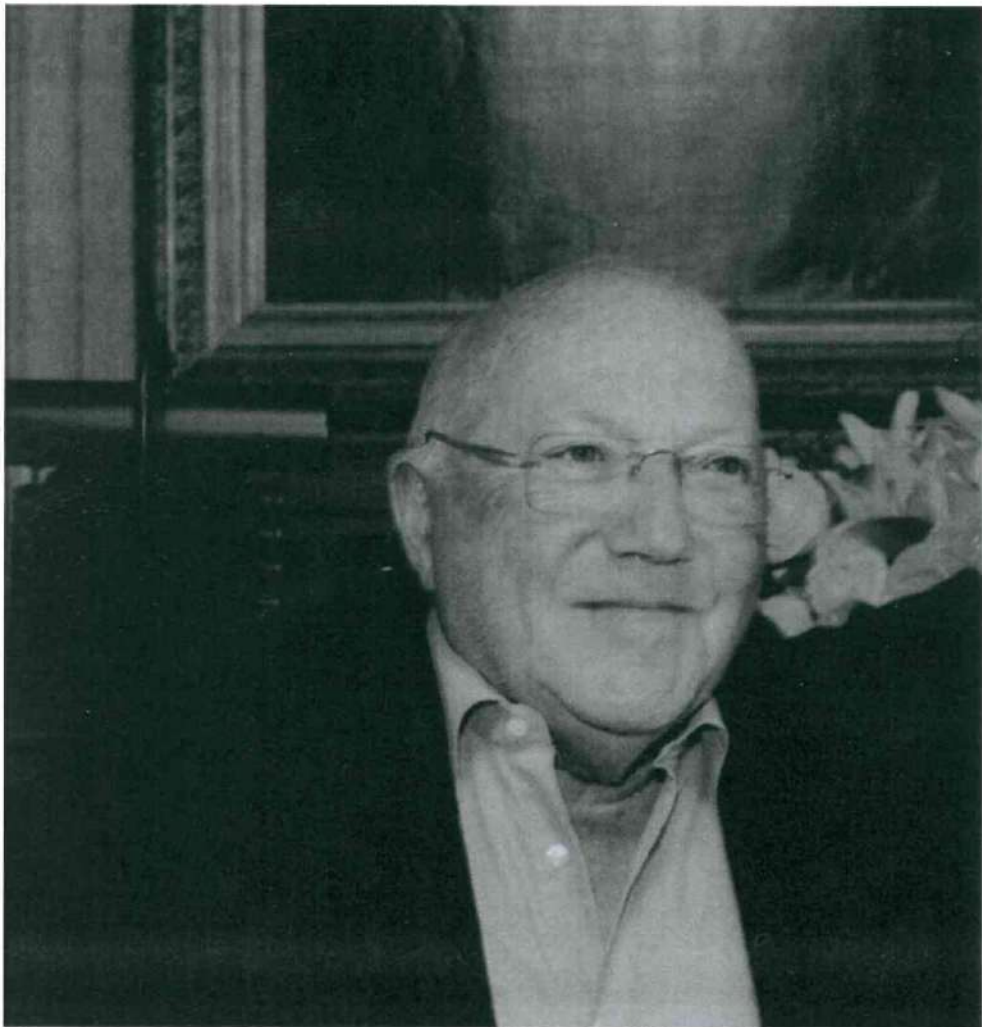
Em 2014 Paulo Mendo recebe a primeira Distinção de Mérito em Gestão de Serviços de Saúde atribuída pela Ordem dos Médicos.

Paulo Mendo é considerado pelos seus pares como um dos mais respeitados intervenientes da Saúde em Portugal.

Dr. Benvindo Justiça

4º presidente da
LAHSA

O eterno voluntário



A encruzilhada como ponto de partida

Esta história começa com o meu regresso da Guerra em Angola, para onde fui enviado logo após terminar o curso. Fui como médico de um batalhão. Cumprido o mandato, regressei num mês de Junho. A minha mulher, também médica, trabalhava já na Maternidade, mas eu só poderia começar o internato médico em Janeiro, data de abertura das inscrições. Estava, portanto, sem trabalho.

155

O serviço de Neurologia, dirigido pelo Dr. Corino de Andrade, tinha nessa época poucos colaboradores, uma vez que o Luís de Carvalho estava em serviço militar e o Paulo Mendo trabalhava em Marrocos. A tropa cortou-me o Norte da minha carreira profissional, e decidi então ir para a Neurologia, dirigida pelo Professor Corino. Entusiasmei-me de tal modo que passava todo o dia no Hospital a estudar ou a ver doentes. Entretanto, o Professor Corino tinha planos para o Serviço e queria gente qualificada. Impôs-me, assim, tirar uma especialização na Suécia. Afastado que estivera da família no longo tempo da guerra, com um bebé para nascer, privilegiei a família. Recusei e abandonei a Neurologia, onde aprendera a lição que, para fazer uma especialidade como devia ser, era preciso permanecer no Hospital o dia todo e, não só, durante o curto período de tempo a que nessa época se era obrigado a estar.

Na época em que terminei o curso, tinha feito o estágio e a tese na especialidade de Hematologia. Fiz concurso para o Internato Geral e fui admitido entre os 12 que entraram e fiquei em segundo lugar. Pediram-me então para me dedicar também à Hematologia, dado os meus conhecimentos anteriores. O número de doentes ia aumentando gradualmente, apareciam cada vez mais casos muito complicados e faltava-me o apoio das análises

clínicas para fazer o estudo que esses doentes necessitavam. Passava-se isto em 1966. Nessa época, era necessário passar por vários serviços, antes de se ser especialista, o que tive de cumprir, como todos. Temos assim o meu primeiro Voluntariado: fazer o Internato Médico para poder entrar numa Especialidade e ser responsável voluntariamente pela Hematologia, então dependente da Medicina Interna.

O Voluntariado médico

O número de casos ligados à Hematologia foi aumentando, o que tornou o seu tratamento cada vez mais complexo. Era absolutamente necessário que alguém fizesse as análises clínicas específicas para o diagnóstico desses doentes. Apresentei as minhas razões e as minhas sugestões ao Diretor de Serviço de Análises, que nada pode fazer por não existir essa especialidade no Hospital. Mas deu-me a autonomia necessária para eu resolver os problemas relacionados com as análises para esses doentes.

157

Passados que foram os dois anos do Internato Geral, resolvi fazer a Especialidade de Análises Clínicas, cumulativamente com o trabalho que vinha a desenvolver na Hematologia, e na Medicina Interna e passados os três anos, terminei a Especialidade de Patologia Clínica, com a classificação máxima.

Entretanto, passo a fazer também parte do então chamado Banco de Sangue, o qual era, nessa altura, absolutamente insuficiente para as necessidades do Hospital e dos doentes da Hematologia. Comecei por colaborar em campanhas para captar mais dadores juntamente com o então Diretor do Serviço de Análises e do Banco de Sangue, de um modo voluntário, à tarde ou à noite. Mas tudo obedecia a processos artesanais, sem serviços responsáveis por esta área. Ia às fábricas ou a outras instituições fazer sessões de esclarecimento em automóvel pessoal. Nunca tal tinha sido feito. É aqui que entra, de novo, a história da dádiva, do meu Voluntariado. Nunca fui pago para fazer isto, o intuito era apenas a melhoria da qualidade de vida dos doentes. Toda esta iniciativa se baseou unicamente num compromisso de natureza pessoal.

Foi essa a razão maior que me levou a tirar a especialidade de Hemoterapia. O internato fora criado em 1969 e foi-me autorizado fazer o exame final,

dada a minha experiência anterior. Fiquei assim com duas Especialidades - Patologia Clínica e Hemoterapia - e em 1971, após concurso de provas públicas, passei a Chefe de Serviço de Hematologia (designação que o Provedor de então autorizou para o Serviço que estava a surgir). Claro que tive que fazer vários cursos - com bolsas (na Suíça e em Edimburgo), ou com pagamento pessoal (em Paris, Londres, Salamanca e Barcelona). Desta forma, o Serviço foi-se desenvolvendo progressiva e rapidamente.

Após o 25 de Abril veio uma Comissão de Lisboa que se inteirou, no terreno, do teor do funcionamento do Serviço, então único em Portugal. Ficaram interessados e, pouco depois, criaram uma Comissão Nacional para a Restruturação do Serviço Nacional de Sangue. Passámos (os representantes dos Hospitais Centrais e do Ministério da Saúde) a reunir-nos no Ministério da Saúde todas as 4^{as} feiras, o que fizemos de 1977 a 1980. O Hospital pagava a deslocação de comboio, mas este Voluntariado foi-me bastante “pesado”, pois as discordâncias eram constantes e a maioria queria manter o “status quo”.

Foram estes os primeiros passos dados num conturbado período que se seguiu à desconstrução e reconstrução de novas estruturas económicas, políticas e sociais, que se seguiram à Revolução de 25 de Abril, nelas incluídas, evidentemente, o setor da Saúde.

O Voluntariado na LAHSA intercalado com outros

159

Entretanto, algum tempo depois, a Liga colaborou também com o Serviço de Hematologia, integrando O Dia do Dador de Sangue nas atividades da Semana da Liga. Quando terminei a profissão, como Diretor do Serviço de Hematologia Clínica do HGSA, isto é, quando me reformei, pouco tempo depois, o Dr. Paulo Mendo telefonou-me. Propôs-me que eu o substituísse na Direção da Liga, terminado que estava o seu terceiro mandato.

Aceitei, uma vez que até então o meu centro de vida tinha sido sempre o HGSA. Passei então a fazer Voluntariado na Liga. Conhecia bem o trabalho de todos os médicos que haviam estado ligados à Liga. Conhecia bem o trabalho que o Dr. Roseira fazia, mas para mim, era impossível fazer mais Voluntariado do que aquele que já fazia em prol do sangue, do Hospital e principalmente dos doentes. Ainda escrevi alguns artigos na revista do Voluntariado. Estou-me a recordar de um artigo intitulado “Utopia nos hospitais portugueses”, que faz parte do nº 4 da Revista *Comunidade e Saúde*, da Liga dos Amigos do Hospital Geral de Santo António. Aí fiz um apelo, como Diretor do Serviço de Hematologia deste Hospital. O artigo termina com um esclarecimento e um apelo:

“Os melhores resultados são os obtidos pela informação de cada dador que vem ao Serviço para os seus amigos e conhecidos, pelo que nunca é demais salientar a importância que cada DADOR tem para o Hospital e para a transmissão da informação a outros POTENCIAIS DADORES. Se a dádiva de sangue só traz benefícios, porque não ser DADOR de SANGUE? Porque não contribuir para que outros sejam DADORES? Fazendo parte dos AMIGOS DO HOSPITAL e desejando que o tratamento dos doentes seja correto, uma das formas mais ativas de pôr em prática essa “amizade” será contribuir para

o tratamento dos doentes, tornando-se DADOR DE SANGUE” Seguem-se depois as explicações das vantagens da dádiva, intituladas “12 Boas Razões Para Ser Dador de Sangue”. Este artigo foi publicado em 1985, na altura em que o Luís Roseira era o Presidente da Liga.

Quando, tempos depois, aceitei Presidir à Liga, comecei por estudar intensamente essa mesma Liga. Li os documentos escritos que aqui existiam e conversei muito com uma voluntária jovem que estava aqui a fazer o doutoramento em sociologia.

Tinha a cabeça cheia de ideias e convenci-me que iria conseguir fazer muita coisa, que iria conseguir entusiasmar o próprio Hospital! Mas na verdade, pouco consegui! E fiquei desiludido, porque quando me pus do outro lado, tentando que os médicos se entusiasmassem da mesma forma que eu estava não fui lá muito sucedido, não!

Na altura, acreditava que iria conseguir convencer toda a gente a inscrever-se como sócia, eram necessários apenas alguns euros por ano, mas, para meu espanto, não consegui quase nada. Foram escritas e enviadas cartas a toda a gente do Hospital e o que se conseguiu ficou muito longe do que eu esperava. Fiquei surpreendido com a ignorância dos médicos e do pessoal hospitalar sobre as atividades e os serviços de apoio que a Liga prestava e presta na área da humanização hospitalar. Chocou-me o desinteresse e, direi mesmo, ignorância que tinham perante o trabalho dos voluntários, perante o doente enquanto pessoa, que pode, ou não, estar integrada numa família, que pode ou não ter uma carga de problemas pessoais para além dos da parte física. Saí ao fim de nove anos, com a consciência de não ter feito nada daquilo que inicialmente idealizara.

Assim, enquanto estava a fazer aqui este Voluntariado, fui convidado para fazer, simultaneamente, Voluntariado na Guiné. Ia lá 8 a 15 dias várias vezes por ano. Era uma quinzena de Voluntariado na Guiné e outra aqui.

Organizei-me desta forma durante dois anos. Estive no Hospital central de Bissau, onde o Laboratório não existia. Tinha caído uma bomba no Hospital em 1999, desfez tudo. Só restou um microscópio para fazer análises à urina.

Quando lá cheguei, não havia nada no Instituto de Medicina Tropical, mas ainda existia um edifício estupendo, feito em 1988, que escapara incólume aos bombardeamentos. Era uma Casa Palaciana. Depois do bombardeamento tinha ficado abandonado, tudo fugira, a zona ficou deserta e abandonada e a vegetação tropical tinha tomado conta de tudo. Fui ao Consulado pedi para me limparem o edifício e as cercanias e para me fazerem as obras necessárias. Acederam de bom grado e ficou tudo com boa apresentação e pronto a funcionar.

Quando aceitei esta missão fui como ex-Professor Convidado do ICBAS. Era um projeto do ICBAS. Portanto, ia lá dar aulas como Professor de Hematologia. Mas não só. Montei um laboratório bem equipado, ensinei-lhes o que fazer e como fazer, portanto, ficou tudo a funcionar. Ficaram os computadores montados e com os programas adequados aos respetivos serviços devidamente instalados. Levei daqui técnicos, formados por mim, e que lhes passaram o testemunho do conhecimento específico. Antes disso, havia lá 25 técnicos formados em Cuba ou na República Checa. Já não trabalhavam nesta área há uma porção de anos, dada a destruição provocada pelos bombardeamentos. Portanto, era necessário

formá-los. O projeto do ICBAS incluía reapetrechamento e, em breve, vários contentores levaram o equipamento necessário. Entretanto, este suporte foi muito bom para eles porque, de um dia para o outro, ficaram com o serviço montado e com conhecimento para poderem efetuar as análises.

Entretanto, terminada aquela tarefa, regressei ao Porto. Depois, fui convidado pelos serviços de Saúde da União Europeia. Este cargo não me tirou muito tempo, enquanto estive na Liga. Eram saídas breves, também de 8 a 15 dias, três a quatro vezes por ano. Tratava-se do projeto PASS – Projeto de Ajuda aos Serviços de Saúde de Angola. Era um projeto focado no problema do vírus da Sida. Foi um convite mediado por Bruxelas, por intermédio da Partex. Foi um período bastante trabalhoso, mas entusiasmei-me a criar e a tentar modificar algumas estruturas.

Levaram-me a visitar os hospitais de Luanda, Benguela, Lobito, era um projeto megalómano, mas apesar das minhas tentativas para mudar alguma coisa, ficou tudo exatamente na mesma. Não havia interesse em mudar fosse o que fosse. Quando estivemos em Angola, no período anterior a 1961, deixámos exatamente esta ideia: - Não vale a pena mudar nada! Quem mudar só terá trabalho! Por tudo isto e por muito mais, demiti-me antes do termo dos três anos do contrato.

Quando regressei de vez de todas estas lides de Voluntariado, intercalado aqui no Hospital e lá fora, passei o testemunho a outrem, porque nove anos

Homenagem

já é tempo suficiente para mudar. E confesso que aqui também não consegui mudar algumas das coisas que acho que precisavam ser dinamizadas.

163

Comecei a descrição deste Voluntariado com a fase de cerca de 6 meses que inicialmente passei no Serviço do Dr Corino de Andrade. Nada ficou escrito sobre a minha presença nesse serviço nem o trabalho que aí desenvolvi. Estava ainda dependente do serviço militar e só necessitava de aprender uma área muito importante para mim. Mas esta introdução não foi mais do que uma homenagem ao Dr Corino de Andrade, com o qual mantive sempre uma grande amizade e que definiu toda a minha vida futura!



O Arranque

da Liga dos Amigos do Hospital de Santo António

A criação da Liga dos Amigos do Hospital de Santo António foi um acto pioneiro que tudo deve ao Dr. Luís Roseira. Uma vez mais afirmou as suas excepcionais qualidades humanas, a grande generosidade e dedicação aos outros que marcou toda a sua vida como médico, onde sempre revelou elevada competência e uma notável percepção do doente.

Apaixonado, empenhado e criativo, soube mobilizar a Cidade para esta tão nobre missão e nela envolveu alguns dos mais prestigiados médicos do Hospital, como António Rocha e Melo, Luís Carvalho e Paulo Mendo.

Foi para mim muito gratificante ter presidido ao primeiro Conselho Fiscal e ter acompanhado a construção desta obra, de que todos nos orgulhamos. Recordo, em especial, o acto de mecenato em que o BPI e a Fundação Calouste Gulbenkian se envolveram, em partes iguais, e que permitiu financiar todo o custo de um novo pavilhão de neurocirurgia.

Artur Santos Silva

04maio2017

40 ANOS



LIGA DOS AMIGOS
DO HOSPITAL GERAL DE SANTO ANTÓNIO